

**“MUSEU ALÉM PORTAS:
CAMINHOS PARA UMA EDUCAÇÃO PELA ARTE NA COMUNIDADE”**

Inês Rafaela Bispo de César Saraiva de Almeida

Nº 34851

Relatório de Estágio realizado no âmbito da componente não-lectiva do Mestrado em
Museologia

2018/2019



**FUNDAÇÃO
CALOUSTE
GULBENKIAN**



Relatório de Estágio apresentado para cumprimento dos requisitos necessários à
obtenção do grau de Mestre em Museologia realizado sob orientação científica da Prof.^a
Doutora Alexandra Curvelo e co-orientação da Dr.^a Diana Pereira.

Agradecimentos

Gostaria de agradecer à minha orientadora Sr.^a Doutora Alexandra Curvelo, por ter possibilitado a concretização deste estágio bem como pela sua orientação e cuidado; à Dr.^a Diana Pereira, pela boa disposição e motivação com que sempre me procurou ensinar as metodologias de trabalho do Museu e da Fundação; à Dr.^a Susana Gomes da Silva por me ter aceite, e a toda a equipa do Serviço Educativo do Museu Calouste Gulbenkian pelo acolhimento e por toda a simpatia em integrar-me o melhor possível nos dias de trabalho do Museu; e à minha família e amigos que me foram apoiando e dando conselhos ao longo deste ano de estudo e trabalho.

Resumo

O presente relatório apresenta o trabalho por mim realizado durante o período de estágio curricular no Museu Calouste Gulbenkian (MCG). O estágio integrou-se na componente não-lectiva do Mestrado em Museologia da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (NOVA-FCSH) e consistiu no acompanhamento do trabalho realizado pelo Serviço Educativo do Museu, incidindo de forma particular no projecto *Entre Vizinhos*, um projecto desenvolvido com a comunidade sénior da Freguesia das Avenidas Novas, de Lisboa, visando fortalecer laços de vizinhança com a Fundação Calouste Gulbenkian. Neste sentido, o presente relatório aborda a metodologia de trabalho deste Serviço Educativo e a sua aplicação a projectos comunitários, utilizando como estudo de caso o *Entre Vizinhos*.

Palavras-chave

Museu; Serviço Educativo; Educação pela Arte; Educação museal; Construtivismo crítico; Comunidade; Mediação; Fundação Calouste Gulbenkian; Museu Calouste Gulbenkian

Abstract

This report presents the work developed during the curricular internship at the Calouste Gulbenkian Museum. This internship was part of the non-academic component of the Masters in Museology at the School of Social Sciences and Humanities of the Universidade NOVA de Lisboa (NOVA-FCSH). It consists of monitoring the work developed by the Museum's Education Service, focusing particularly on the project *Entre Vizinhos*, developed with the elderly community of the Avenidas Novas Parish, in Lisbon, with the purpose of strengthening the neighborhood ties with the Calouste Gulbenkian Foundation. In that sense, this report approaches the work methodology of the said Education Service and its application to community projects, using *Entre Vizinhos* as a case study.

Keywords

Museum; Museum Education Service; Art Education; Museum Education; Critical Constructivism; Community; Mediation; Calouste Gulbenkian Foundation; Calouste Gulbenkian Museum

ÍNDICE

Introdução	1
1. O Serviço Educativo do Museu Calouste Gulbenkian	4
1.1.A Fundação Calouste Gulbenkian e o seu Museu	4
1.2. O Serviço Educativo do Museu Calouste Gulbenkian	7
a) Construtivismo crítico e a sua prática no Serviço Educativo do Museu Calouste Gulbenkian	9
2. Estudo de caso e tarefas desenvolvidas	15
2.1. <i>Entre Vizinhos</i>	15
a) Metodologias	17
b) Fase piloto, de exploração e de criação	20
2.1.1. <i>24 Estórias Entre Vizinhos</i>	29
a) Processo artístico	29
b) Processo de avaliação	31
2.1.2. Terceira temporada	38
2.2. Oficina da Páscoa	40
Considerações finais	44
Bibliografia	
Anexos	

INTRODUÇÃO

Através do presente relatório exponho e analiso o trabalho realizado durante o estágio curricular decorrido no Serviço Educativo do Museu Calouste Gulbenkian (SE MCG), integrado na componente não-lectiva do mestrado em Museologia da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (NOVA-FCSH). O meu interesse pelo sector educativo de um Museu e a vontade de adquirir conhecimentos significativos para o meu futuro profissional, aliando-se ao facto de o Museu Gulbenkian ser uma referência nacional em Arte e Educação, incitaram-me a eleger esta instituição para a realização do meu estágio. Este teve a duração de sete meses, entre Outubro de 2018 e Abril de 2019, em horário completo, de segunda a sexta-feira, correspondendo a um total de 800 horas de trabalho na instituição, o que possibilitou acompanhar com maior profundidade e obter um maior conhecimento sobre os trabalhos desenvolvidos pelo SE MCG. Durante este período no Museu fui orientada pela co-orientadora, Dr.^a Diana Pereira, técnica do SE MCG responsável pela programação para o público adulto.

O estágio consistiu de forma particular no acompanhamento do projecto *Entre Vizinhos* - um projecto com a comunidade sénior que tem como objectivo reforçar laços de vizinhança participativa e criativa assentes na ideia de que a aprendizagem se faz ao longo da vida e de que o museu e suas colecções são espaços de múltiplas vozes e leituras, de encontro, partilha, construção e afirmação identitária.

Para a concretização deste tipo de projectos contribuiu a política do Museu Gulbenkian, sobretudo a partir de 2016, de construção de relações e narrativas conjuntas com pessoas que veem o museu como um espaço ao qual não pertencem. Para estes indivíduos, o objectivo do SE MCG é dar início a um diálogo e criar um espaço cómodo para o contacto com a Arte e as suas Colecções. “O SE MCG decidiu abordar a problemática do isolamento de pessoas idosas incorporando orientações sobre o papel cívico das organizações culturais propondo uma abordagem artística e a construção de uma relação de uma relação com a mesma. Através das organizações sociais com as quais estabeleceram parceria puderam envolver idosos em situação de vulnerabilidade social¹.” A integração neste projecto foi possível através da minha orientadora, Sr^a Doutora Alexandra Curvelo, que já tivera contacto com o projecto.

¹ “Relatório *Entre Vizinhos*. Serviço Educativo – Fundação Calouste Gulbenkian”, p. 3

Embora o principal foco do estágio tenha sido o *Entre Vizinhos*, integrei a equipa do Serviço Educativo participando em reuniões e dando apoio à execução de tarefas diárias, que envolveram igualmente produção de actividades e apoio a dias especiais da programação. Foi o caso do apoio prestado para o *Dia U – Dia das Universidades*² e a produção do curso *Professor e Artista: «práticas colaborativas em sala de aula*³».

Os objectivos estabelecidos para o estágio foram:

- Conhecer a diversidade de programação educativa, cujos formatos respondem às especificidades de diferentes públicos: escolas, adultos, públicos com necessidades educativas especiais, famílias, crianças e jovens;
- Compreender que a missão do Serviço Educativo está assente na abordagem construtivista crítica e reconhecer a sua aplicação nos vários formatos;
- Observar diferentes visitas a grupos organizados e reflectir sobre a visita *Olhar, Ver, Interpretar* (OVI): como é que a sua especificidade vai ao encontro da metodologia do Serviço Educativo;
- Compreender como é que, a partir de 2016, os projectos comunitários se inserem nas linhas estratégicas do Museu e respondem à missão da Fundação – de entre os vários projectos, acompanhar em particular o projecto *Entre Vizinhos*;
- Participar na implementação do *Entre Vizinhos*, apoiando em questões logísticas e de produção;
- Integrar a equipa do Serviço Educativo apoiando na execução de tarefas diárias que envolvem produção e implementação de actividades e dias especiais de programação.

O presente relatório estrutura-se em dois capítulos. O primeiro, faz uma breve apresentação da Fundação e Museu, juntamente com uma contextualização do seu Serviço Educativo, abordando a sua filosofia e metodologia de trabalho, que se baseia no construtivismo crítico - abordagem aplicada por Susana Gomes da Silva, coordenadora do departamento educativo do Museu Gulbenkian. Neste sentido, aborda-se a visita “Olhar, Ver, Interpretar” (OVI) enquanto uma das particularidades deste Serviço Educativo e que foi concebida na base da filosofia construtivista crítica.

² Dia em que a Fundação abre gratuitamente as portas a todos os universitários que desejem conhecer os bastidores da FCG e desfrutar das suas actividades. Eu fiquei encarregue de orientar as visitas ao arquivo do museu.

³ Curso teórico-prático, da concepção e orientação de Maria Gil e Sofia Cabrita, destinado sobretudo a professores e educadores.

O segundo capítulo é dedicado ao estudo de caso do estágio, o projecto *Entre Vizinhos*, apresentando-o desde a sua criação e o trabalho desenvolvido até à conclusão do meu estágio. Este projecto iniciou-se em 2017 em parceria com três Centros de Dia da Freguesia das Avenidas Novas, promovendo uma relação de proximidade com a população sénior. Em 2018 dá-se a primeira criação artística deste projecto – *24 Estórias Entre Vizinhos*, em colaboração com a artista convidada Ana João Romana⁴. *24 Estórias Entre Vizinhos* é uma obra que nos convida a um encontro com as memórias que cada participante do projecto tem da Fundação e arredores. Este encontro foi proporcionado por uma instalação, em formato vinil, de 24 estórias a partir de depoimentos de cada um, que se estenderam da Fundação ao bairro, ocupando pequenos espaços da vida quotidiana das Avenidas Novas, como a Igreja Nossa Senhora de Fátima ou o centro comercial *El Corte Inglés*. Para além da referida instalação, as memórias dos participantes materializaram-se ainda num Livro de Artista, fruto de trabalho colectivo. O meu estágio corresponde ao período de criação do *24 Estórias Entre Vizinhos* e ao início da concepção da terceira temporada do projecto, da qual, não havendo ainda um guião elaborado, expus de forma sintética as sessões que foram realizadas até Abril.

Por fim, termino este capítulo fazendo uma breve descrição da Oficina da Páscoa 2019, para a qual estive presente nas reuniões de concepção e dei apoio durante a concretização da mesma. “A minha vida dava um filme!” consistiu numa oficina de cinema de animação em *stop motion*, destinada a crianças e jovens dos 5 aos 15 anos de idade, com o intuito de, tendo como referência a figura de Calouste Gulbenkian e as suas histórias, criar e recriar a sua e a biografia de cada um dos participantes. Apesar de não constituir um estudo de caso do estágio, tornou-se relevante expô-lo no presente relatório na medida em que se apresentou como mais um momento de aprendizagem, sobretudo no sentido de compreender a aplicação da filosofia do SE MCG nos seus vários formatos, neste caso numa oficina para crianças.

⁴ Artista plástica. Expõe regularmente desde 1996, em Portugal, Reino Unido, Finlândia, Irlanda, Espanha, Japão, China, Brasil, Estados Unidos da América e Dubai. Além do seu trabalho como artista plástica desde 2000 que desenvolve trabalho como editora, dos seus próprios livros de artista e de outros autores, e também trabalha como mediadora na área da Arte Moderna e Contemporânea em projectos relacionado ao livro. Lecciona desde 2007 na Escola Superior de Arte & Design das Caldas da Rainha, nas áreas ligadas à gravura, livros de artista e desenho. In <<https://gravura.fba.up.pt/home/ana-joao-romana-pt/>>

1. O Serviço Educativo do Museu Calouste Gulbenkian

1.1. A Fundação Calouste Gulbenkian e o seu Museu

A Fundação Calouste Gulbenkian, uma das fundações mais importantes a nível europeu⁵, é uma instituição portuguesa particular de utilidade pública, criada em 1956 por testamento de Calouste Sarkis Gulbenkian (23 de Março de 1869 – 20 de Julho de 1955). Com fins caritativos, artísticos, educativos e científicos, desenvolve a sua acção em Portugal e no Mundo com a missão de construir uma “sociedade mais justa, solidária e sustentável, na qual os cidadãos vivam e intervenham, livre e conscientemente, em igualdade de oportunidades” e com a visão de uma instituição filantrópica aberta ao mundo que dá o seu contributo na preparação dos cidadãos do futuro, regida pelos valores da integridade, independência, transparência e responsabilidade. Neste sentido, entre 2018 e 2022, a Fundação terá três focos de acção prioritários, dos quais será reflectida toda a sua estratégia de intervenção: a coesão e integração social; a sustentabilidade; e o conhecimento⁶.

A Fundação é constituída pela sua sede em Lisboa e por duas delegações, uma em França e outra em Londres. A sede em Lisboa dispõe de um Museu; de uma Orquestra e Coro; de uma Biblioteca de Arte e Arquivo; de um conjunto de auditórios, salas de espectáculo e congressos; de um Instituto de Investigação Científica e de um Jardim. Em paralelo com a sua oferta cultural, o cumprimento da sua missão passa igualmente pelo apoio a instituições e organizações sociais através de programas inovadores.

O Museu

O Museu Calouste Gulbenkian, inaugurado ao mesmo tempo que o complexo da Fundação a 2 de Outubro de 1969, concretiza o principal desejo do fundador de manter reunidas no mesmo espaço todas as obras de arte por ele colecionadas ao longo da sua vida e proporcionar o seu usufruto público. Em 1955, data do falecimento de Gulbenkian, a Colecção encontrava-se dividida entre Paris e Washington. Criada a Fundação, coube a Maria José Mendonça (1905-1984), directora do então Serviço do Museu e de Belas-Artes, proceder à inventariação das obras e trazê-las para Lisboa, em 1960. O programa do Museu foi elaborado com o apoio do museólogo Georges-Henri Rivière (1897-1985)

⁵ Informação disponível online no website da Fundação Calouste Gulbenkian: <https://gulbenkian.pt/fundacao/apresentacao/>

⁶ *Idem Ibidem.*

e, a partir de 1960, Maria Teresa Gomes Ferreira (1925) – na altura conservadora e posteriormente directora – promoveu a montagem do Museu⁷.

Entre Setembro de 1960 e 2 de Outubro de 1969, a Colecção foi provisoriamente instalada num palácio comprado pela Fundação em Oeiras e foram organizadas e apresentadas as primeiras exposições de divulgação da Colecção em Portugal (Lisboa, Porto e Oeiras), finalizando-se a programação do Museu⁸. A programação e projecto definitivos do edifício e Museu ficaram ao cargo de Georges-Henri Rivière, como principal consultor, de José Sommer Ribeiro (1924-2006), como arquitecto integrado no Serviço de Projecto e Obra da Fundação e coordenador da equipa de montagem da Exposição Permanente, e Maria Teresa Gomes Ferreira, coordenadora do Serviço de Museu da Fundação. A 2 de Outubro de 1969 inicia-se o primeiro ciclo de abertura ao público da exposição permanente e, entre 4 de Outubro de 1999 e 19 de Julho de 2001, dá-se o encerramento temporário das galerias da exposição para se proceder à sua remontagem. O projecto foi da autoria do museólogo belga Paul Vandebotermet, sob coordenação do então directo do Museu, João Castel-Branco Pereira. A 20 de Julho de 2001 dá-se a reabertura das galerias de exposição permanente ao público⁹.

O Museu alberga duas colecções: a Colecção do Fundador e a Colecção de Arte Moderna e Contemporânea, encontrando-se expostas em diferentes edifícios. A Colecção do Fundador é composta por cerca de 6400 obras de arte, estando expostas cerca de 1000 peças, divididas pelos núcleos de Arte Egípcia, Greco-Romana, Mesopotâmia, Oriente Islâmico, Arménia, Extremo-Oriente e, na Arte do Ocidente, Escultura, Arte do Livro, Pintura, Artes Decorativas francesas do século XVIII e obras de René Lalique. A Colecção Moderna data de 1956 e reúne alguns dos artistas portugueses mais conceituados internacionalmente, bem como um importante núcleo de arte britânica do século XX, sendo considerada a mais completa colecção de arte moderna portuguesa¹⁰.

Em 2016 houve uma reestruturação no Museu Calouste Gulbenkian com a nova direcção de Penelope Curtis, directora da Tate Britain, em Londres, antes da sua chegada a Lisboa. A sua principal missão consistia na união do Museu Gulbenkian e do Centro de

⁷ PEREIRA, João Castel-Branco. *Museu Calouste Gulbenkian*. QuidNovi. 2011, p. 12

⁸ LAPA, Sofia. *40 anos em Exposição Permanente no Museu Calouste Gulbenkian. Contributos para uma Crítica do Objecto Museológico*. Tese de Doutoramento. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. 2015, p. 5

⁹ *Idem, Ibidem*, p. 6

¹⁰ Informação disponível online no website da Fundação Calouste Gulbenkian: <<https://gulbenkian.pt/museu/colecao-moderna/>>

Arte Moderna (CAM) num único organismo¹¹. Até então estes dois espaços trabalhavam de forma autónoma e sem relação, havendo duas equipas distintas a trabalhar para cada colecção. Concretizada a missão, ambas as instituições tornaram-se o Museu Gulbenkian e os respectivos acervos passaram a ser conhecidos como Colecção do Fundador e Colecção Moderna, o que levou à partilha de competências e saberes entre as duas equipas. Esta união passou pela criação de um único bilhete de visita às duas exposições, ao passo que anteriormente o visitante tinha a possibilidade de comprar separadamente os bilhetes, conforme o seu interesse na colecção a visitar. A existência de um único bilhete levou a um aumento significativo do público a visitar a Colecção Moderna, pois apenas uma reduzida percentagem visitava as duas colecções¹².

A acção de Penelope Curtis pontua-se pela procura em estabelecer um diálogo entre as duas colecções; pelo interesse em desenvolver a forma como cada colecção é apresentada ao público; e pela vontade em aumentar a diversidade de públicos, querendo “comunicar mais com idosos isolados, crianças desfavorecidas, imigrantes e refugiados¹³.”

Nos seus primeiros dois anos de direcção, surgiram algumas mudanças no Museu, que passaram nomeadamente por alterações no percurso expositivo da Colecção do Fundador; pela criação, em todos os núcleos, de novas folhas informativas para os visitantes; assim como a criação de uma nova sinalética.

Como foi anteriormente referido, e de acordo com a sua missão, a Fundação financia programas inovadores de desenvolvimento humano, cidadania e qualificação de gerações. A título de exemplo, o Programa de Coesão e Integração Social - que se integra nas Actividades de Desenvolvimento Social e Sustentabilidade da Fundação (Anexo 1) – através de projectos que testam novas respostas para diversos problemas sociais, promove o bem-estar e a integração das pessoas e das comunidades, aprofundam o conhecimento e o debate sobre os problemas sociais, reflecte e propõe novas soluções e influencia as políticas públicas e a alteração de comportamentos¹⁴. O projecto PARTIS – Práticas

¹¹ Entrevista a Penelope Curtis *Penelope Curtis quer “crianças, idosos e imigrantes desfavorecidos” no Museu Gulbenkian* disponível online em: < <https://observador.pt/2017/12/07/penelope-curtis-quer-criancas-idosos-e-imigrantes-desfavorecidos-no-museu-gulbenkian/> >

¹² Entrevista a Penelope Curtis disponível online em: < artecapital.net/entrevista-219-penelope-curtis >

¹³ Entrevista a Penelope Curtis *Penelope Curtis quer “crianças, idosos e imigrantes desfavorecidos” no Museu Gulbenkian* disponível em: < <https://observador.pt/2017/12/07/penelope-curtis-quer-criancas-idosos-e-imigrantes-desfavorecidos-no-museu-gulbenkian/> >

¹⁴ Relatório Gulbenkian 2018 Em Destaque, p. 29. Disponível online no website da Fundação Calouste Gulbenkian em: < https://content.gulbenkian.pt/wp-content/uploads/2019/02/11104305/Em_Destaque2018_PT.pdf >

Artísticas para a Inclusão Social é uma iniciativa, fruto deste programa, focada em questões da Arte e Comunidade e que “consiste num concurso endereçado a organizações sociais e artísticas com vista à selecção e apoio de projectos que visem promover a inclusão social de públicos vulneráveis, em risco de exclusão, através de práticas artísticas¹⁵.” Penelope Curtis entende como natural que, assim como a Fundação, também o Museu aposte nessas áreas: “Podemos trabalhar com pessoas de contextos desfavorecidos, muitas das quais não pensam no museu como um espaço que lhes interesse. Queremos ter mais projectos de nicho, com idosos que estão sozinhos e isolados, que não têm com quem falar. Podem vir ao museu e encontrar obras que as ajudem a falar da sua vida. Podemos também trabalhar com iniciativas de apoio a imigrantes ou refugiados e trazer mais crianças de contexto social ou económico desfavorecido. O museu é um excelente espaço para as pessoas se sentirem seguras, para receberem estímulos e começarem a abrir-se ao mundo¹⁶.” Neste contexto, podemos compreender como é que a partir de 2016 começam a surgir projectos direccionados a comunidades específicas, como imigrantes e refugiados, e projectos como o *Entre Vizinhos* - com foco na população sénior - que será abordado mais à frente no presente trabalho.

1.2. O Serviço Educativo do Museu Calouste Gulbenkian

Um Museu é uma instituição complexa e em contínua mudança. Desde o surgimento dos primeiros museus que a sua natureza e os seus propósitos são objecto de debate e de reflexão¹⁷. Após um longo período no qual o museu era considerado um lugar “elitista e distinto¹⁸”, circunscrito a um público específico, o século XX rompeu com esse perfil. Em 1946, é criado o *International Council of Museums* (ICOM) que proporciona a cooperação entre países a fim de serem trabalhadas e debatidas questões relacionadas com o trabalho museológico. Foram os seus estatutos “os que desenvolveram e precisaram, no seu sentido mais amplo, o conceito e a compreensão de Museu”. Ao longo dos anos, o conceito foi sendo trabalhado e enriquecido, tendo-se chegado em 1989, na

¹⁵ *Idem, Ibidem.*

¹⁶ Entrevista a Penelope Curtis *Penelope Curtis quer “crianças, idosos e imigrantes desfavorecidos” no Museu Gulbenkian* disponível em: < <https://observador.pt/2017/12/07/penelope-curtis-quer-criancas-idosos-e-imigrantes-desfavorecidos-no-museu-gulbenkian/> >

¹⁷ SHUBERT, Karsten. *The Curator's Egg: the evolution of the museum concept from the French Revolution to the present day*. Londres: Ridinghouse, 2009, p.16

¹⁸ DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François. *Conceitos-chave de Museologia*. ICOM, 2013, p.23

XVI Assembleia Geral de Haya, à definição actual e que é a mais universalmente aceite¹⁹- uma nova definição que dá ênfase, sobretudo, ao papel fundamental que o museu tem no seio da sociedade e no seu desenvolvimento. Segundo esta definição, um Museu é uma “instituição permanente sem fins lucrativos, ao serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberta ao público, que adquire, conserva, investiga, comunica e expõe o património material e imaterial da Humanidade e do seu meio envolvente com fins de educação, estudo e deleite²⁰”. Um museu encontra-se, a partir de então, ao serviço da comunidade, sendo responsável por facultar o acesso ao público e fomentar a democratização da cultura, bem como a promoção do indivíduo e o desenvolvimento da sociedade²¹. O museu encarado como um lugar distante e inacessível ao público, em geral, transformou-se num “museu organizado, vivo e didáctico²²”, ao serviço de todos e utilizado pelos membros da comunidade. Neste sentido, um museu só se justifica social e culturalmente em função do seu público, pois é a comunidade que consagra a razão de ser destas instituições como um instrumento de desenvolvimento cultural, social e económico ao seu serviço.

As funções incumbidas ao espaço museológico levam a que este seja um elemento-chave na promoção da integração e da coesão social, desempenhando um importante papel na sociedade. Esta “não é estável, nem regular, nem previsível. Logo, os museus para desenvolverem a função social (de relevância) têm de ser eles próprios flexíveis e adaptáveis às situações do momento, utilizando as colecções patrimoniais para produzir reflexão, conhecimento, questionamento sobre a sociedade e o ser humano²³.” Actualmente, o papel dos museus na sociedade está a mudar, procurando reinventarem-se a fim de se tornarem mais interactivos, adaptáveis, focados no público e orientados para a comunidade. “São agora pólos culturais que funcionam como plataformas onde a criatividade combina com o conhecimento e onde os visitantes também podem co-criar, partilhar e interagir. (...) Enquanto preservam as suas principais missões – coleccionar, conservar, comunicar, investigar, expor – os museus transformaram as suas práticas inovadoras de lidar com questões sociais contemporâneas e conflitos²⁴.”

¹⁹ FERNÁNDEZ, Luis Alonso. *Museologia y Museografía*. Barcelona: Ediciones del Serbal, 1999

²⁰ Definição do ICOM, disponível online em: < <http://icom-portugal.org/2015/03/19/definicao-museu/> >

²¹ Lei-quadro do Museus Portugueses – Lei nº 47/2004

²² FERNÁNDEZ, Luis Alonso. *Introduccion a la nueva Museologia*. Madrid: Alianza Editorial, S.A., p.125

²³ Aida Rechena. “O que significa hoje a função social dos museus?” in Boletim ICOM. Série III, Set. 2016. Nº7. Disponível online em: < http://arquivo.icom-portugal.org/boletim_icom,156,567,detalhe.aspx >

²⁴ Informação disponível online em: < <http://icom-portugal.org/2019/05/07/dia-internacional-dos-museus-2019/> >

Os serviços educativos dos museus têm um papel essencial na idealização e concretização destes objectivos. O serviço educativo é um espaço crucial de mediação cultural, que consiste num trabalho de mediação e construção de relações, procurando construir “comunidades de aprendizagem partilhada, políticas de proximidade e vizinhança, projectos de intervenção e criação com e na comunidade.”²⁵ Tal implica o reconhecimento da sua importância dentro das instituições, no sentido de existir uma lógica de coerência em termos de missão e objectivos ao nível da programação geral; e um conhecimento próximo das comunidades a que se dirigem. O que, por sua vez, conduz à necessidade de novas estratégias, novas ferramentas e novas linhas de acção, nomeadamente “o reconhecimento de que fazer serviço educativo é programar e de que a programação educativa deve poder ser assumidamente, também ela, um espaço de criação e reflexão, fruto de um processo de selecção, decisão e experimentação que constitui uma segunda curadoria, uma curadoria educativa, uma proposta assente na programação-base da instituição mas com espaço para o seu alargamento e enriquecimento com outros olhares e estratégias de mediação.”²⁶

a) Construtivismo crítico e a sua prática no Serviço Educativo do Museu Calouste Gulbenkian

A prática do Serviço Educativo do Museu Calouste Gulbenkian assenta na abordagem construtivista crítica, aplicada por Susana Gomes da Silva²⁷ desde 2002 no antigo Centro de Arte Moderna José Azeredo Perdigão (CAM) e, desde 2016, no contexto das duas colecções.

O construtivismo crítico é uma vertente do construtivismo social, inspirado nas obras dos pós-modernistas Foucault, Lyotard e Derrida, que defende a ideia de que o mundo não é um dado adquirido mas fruto de uma construção social, permitindo “olhar para discursos e práticas não como meros espelhos da realidade, mas como construções sociais que reflectem o poder, as percepções e os interesses de quem os enuncia e pratica.”²⁸

²⁵ SILVA, Susana Gomes da, (2011) “Territórios educativos: paradigmas, estigmas e outras pedras no sapato”

²⁶ *Idem, Ibidem.*

²⁷ Desde 2002 coordenou o Centro de Arte Moderna (CAM) e, recentemente com a união dos dois museus, passou a dirigir o Serviço Educativo do Museu todo, sendo responsável pela visão, estratégia e metodologia do trabalho do Serviço.

²⁸ Artigo “Construtivismo crítico: um novo olhar sobre o espaço pós-soviético e a crise na Ucrânia”, disponível *online* em < <https://journals.openedition.org/eces/1601> >

O período pós-moderno corresponde a uma mudança de paradigma, que implicou a transformação das concepções de conhecimento, comunicação e informação. O conhecimento passa a ser entendido como um processo activo, um processo de construção de significados feito por cada indivíduo, que lhe permite interpretar e experienciar o mundo, responsabilizando-o pela sua própria aprendizagem.²⁹ Com este novo paradigma, os museus foram levados a repensar o seu papel enquanto espaços de construção de conhecimento, o que possibilitou uma abertura a novos desafios e oportunidades para o desenvolvimento de novas estratégias de relacionamento com os públicos e colecções. Pretendiam-se espaços nos quais a relação entre público e museu se baseasse no diálogo e na partilha, desafiando os serviços educativos a contribuírem para a criação destes espaços.³⁰ O foco passa da obra de arte em si mesma para o seu potencial comunicativo, transformando os objectos museológicos em “suportes de ideias e conceitos culturais”, sendo neste ponto que os serviços educativos devem desempenhar um “papel crucial assentando a sua prática e programação nas contribuições do construtivismo crítico enquanto teoria educativa de referência.³¹”

A Educação Museal, que pode ser entendida “enquanto campo de estudos transversal e fundamental para o desenvolvimento de um trabalho educativo consolidado e estruturado em torno dos desafios da contemporaneidade³²”, surge como uma resposta a esta mudança de paradigma, indo consolidando as teorias da aprendizagem construtivistas e contribuindo com conceitos que ajudam a delinear novos paradigmas de actuação, novos pontos de partida e novas relações.

Na abordagem construtivista crítica, ao passo que o indivíduo assume um papel activo e de responsabilidade perante a sua aprendizagem, o “educador” e o museu assumem-se como facilitadores e potenciadores desse processo, sendo o conhecimento dele adquirido uma produção subjectiva e fruto de um processo de interpretação, complexo e dinâmico³³. Neste sentido, o papel do educador será o de estabelecer uma ligação que tome como ponto de partida o sistema de referências dos participantes, pelo que os exercícios de interpretação por si propostos “têm em consideração os

²⁹ SILVA, Susana Gomes da, (2005) “Para além do olhar: a construção e negociação de significados a partir da educação museal” in *Miradas al patrimonio*, Ediciones Trea, S.L, p.109

³⁰ *Idem, Ibidem.*

³¹ *Idem, Ibidem.*

³² *Idem, Ibidem*, p.107

³³ *Idem, Ibidem*, p.110

conhecimentos prévios dos indivíduos e pressupõem a partilha e confronto da diversidade dos seus olhares e leituras sobre a obra ou a situação.³⁴”

A interpretação, enquanto processo aberto e activo no qual os indivíduos criam um sentido para as coisas, é um dos elementos centrais do trabalho educativo e que permite ao visitante ampliar e reestruturar o seu esquema conceptual e mental – “uma interpretação a partir dos objectos e das relações estabelecidas com eles, capaz de criar desafios que conduzam os sujeitos ao levantamento e resolução de problemas, reelaborando e acomodando os conhecimentos prévios de forma a construírem novos significados e aprendizagens.³⁵”

Segundo John Falk e Lynn Dierkings³⁶, uma visita ao museu deve ser entendida de uma forma mais ampla, à qual estes designam de “experiência museal”. O tipo de aprendizagem que se pretende deste tipo de experiência é uma aprendizagem duradoura, significativa e efectiva. Por aprendizagem efectiva podemos entender aquela que é fruto da conjugação entre o património cultural, social e emocional que o indivíduo traz consigo, com aquilo que o museu lhe oferece, através das suas obras, colecções e serviços. Podemos então entender esta experiência como o “conjunto total de aprendizagens, emoções, sensações e vivências experimentadas como resultado da interacção com os objectos, as ideias, os conceitos, os discursos e os espaços dos museus³⁷”

Um museu, como espaço de educação não-formal, potencia as aprendizagens enquanto processos amplos, globais e vivenciais, tendo a capacidade de expandir e reestruturar os esquemas mentais dos visitantes, através de um processo de interpretação aberto e activo. Uma aprendizagem “potenciada através da concretização prática de propostas que envolvam tanto a mente (*minds-on*) como as mãos (*hands-on*), levando a que se reflita sobre o que se está a aprender através de como se está a fazer.³⁸” Contudo, fazer por si só “não é necessariamente sinónimo de aprender se a acção requerida não se inserir num desafio de tipo cognitivo que levante questões e dote a experiência de sentido.³⁹” Desta forma, os exercícios propostos pelos educadores devem procurar

³⁴ BARRIGA, Sara; SILVA, Susana Gomes da (coord.), (2007), *Serviços Educativos na Cultura*, Coleção Públicos nº2, Setepés, Porto

³⁵ SILVA, Susana Gomes da, (2005) “Para além do olhar: a construção e negociação de significados a partir da educação museal”, p.112

³⁶ FALK, John H., DIERKING, Lynn D., (1992) *The Museum Experience*, Whalesback Books, Washington, D.C., p.3

³⁷ SILVA, Susana Gomes da, (2005) “Experiência museal, conhecimentos prévios e construção de memórias” in *Miradas al patrimonio*, Ediciones Trea, S.L

³⁸ PEREIRA, Diana, “Como construir relações de relevância entre a Fundação Calouste Gulbenkian e a comunidade envolvente?”, p.5

³⁹ BARRIGA, Sara; SILVA, Susana Gomes da (coord.), Op. Cit., p.63.

potenciar a inteligência emocional e afectiva dos sujeitos, de forma a proporcionar uma aprendizagem assente no aprender-fazendo (*hands-on*), fazer-pensando (*minds-on*) e pensar-envolvendo-se (*hearts-on*).

Neste sentido, a missão do SE MCG é a de “estimular o pleno desenvolvimento da pessoa, de qualquer idade e origem, através do conhecimento e da vivência das artes e da cultura, concebendo e realizando actividades e projectos educativos a partir do património material e imaterial da Fundação Calouste Gulbenkian. Assim, desenvolve estratégias interactivas para activar o pensamento; despertar os sentidos; partilhar memórias, ligações afectivas e associações de ideias; levantar questões; desfazer preconceitos; experimentar diferentes linguagens artísticas e construir sentidos⁴⁰.”

Tal missão é reflectida na variada programação que o Museu apresenta, concebendo actividades para diversos públicos – escolas e grupos organizados; famílias; adultos; e pessoas com necessidades educativas especiais –, através de visitas guiadas, oficinas e cursos participativos que procuram cativar, envolver e fidelizar todos os públicos⁴¹.

Ao longo do estágio realizado, tive a possibilidade de acompanhar algumas das visitas e oficinas que compõem a programação do Museu. São visitas bastante variadas, tanto nos seus temas como na sua concretização e objectivos, e que são fruto do pensamento construtivista que orienta o funcionamento do Serviço. Seja através da dança, da matemática ou do canto, todas elas procuram dar voz ao visitante, validando a sua forma de ver e de pensar, despertando nele a vontade de estabelecer uma relação com a obra de arte, por meio do questionamento e da interpretação. Existem visitas que levam a questionar o que é a Arte, como é o caso da visita “Isto é arte?! Desafios e questões da arte contemporânea”; existem visitas que nos interpelam a dialogar com a obra de arte através do nosso corpo, como é o caso da visita “Arte em movimento”; visitas com o objectivo de se saber mais sobre a biografia do Fundador, como é o caso da visita “Nos bolsos do Sr. Gulbenkian”; entre outras. A equipa responsável pela realização das visitas e oficinas é composta por profissionais de formações variadas, da escultura à geometria, o que contribui para a diversidade de actividades que o Museu coloca à disposição dos vários públicos.

⁴⁰ Informação disponível online em: < <https://gulbenkian.pt/descobrir/mais/a-nossa-missao/> >

⁴¹ *Idem, Ibidem.*

A visita “Olhar, Ver, Interpretar” (OVI), uma das actividades culturais que integra o programa do Museu Gulbenkian e que constitui uma das particularidades do seu Serviço, nasceu como “resposta directa à vontade de realizar uma experiência educativa que pudesse incidir sobre os próprios processos de interpretação e de uma leitura como ponto de partida para uma exploração da colecção⁴²”, sendo um momento de reflexão capaz de trabalhar e alargar os universos de referência de cada visitante, usando as obras de arte como objecto e estímulo para esta reflexão.

Consiste numa visita-diálogo, com duração de cerca de 90 minutos, dirigido especialmente ao público escolar a partir dos 6 anos, e que permite através da sua estrutura promover a reflexão e a desconstrução como instrumentos promotores de aprendizagens numa perspectiva construtivista e construtiva. Desenvolve-se em torno da interpretação, assentando em cinco ideias cruciais:

- “o olhar enquanto instrumento de conhecimento e um lugar a partir do qual se parte e se fala;
- a problematização encarada como processo de construção de conhecimento
- o conhecimento entendido como uma dotação de sentidos
- a aprendizagem concebida como transformação, experiência e transgressão
- a cultura visual como universo de referência.”⁴³

Duas problemáticas, quatro fases

A actividade é orientada por duas problemáticas: “será possível ver sem interpretar? Como participamos nas obras de arte?”. São duas linhas condutoras que permitem reforçar o papel activo do visitante, trabalhando as obras a fim de permitirem uma leitura válida de cada um, estimulando olhares e leituras flexíveis e explorando a colecção a partir do sistema de referências dos visitantes. A concretização da visita estrutura-se em torno de 4/5 questões que permitem organizar diferentes momentos de discussão e interpretação a partir das obras seleccionadas do percurso:

1. Lançamento de questões/criação de problemas
2. Discussão e resolução de problemas
3. Síntese
4. Levantamento de novas questões

⁴² SILVA, Susana Gomes da, (2005) “Projecto olhar, ver, interpretar – o cruzamento de olhares” in *Miradas al patrimonio*, Ediciones Trea, S.L

⁴³ *Idem, Ibidem.*

Sendo que as ideias-chave retiradas da actividade procuram dar resposta às seguintes questões⁴⁴:

- Qual a diferença entre olhar, ver e interpretar?
- Será possível ver sem interpretar?
- O que acontece quando interpretamos?
- Será que fazemos parte das obras de arte? Como e porquê?

O papel do educador será o de gerir o debate, promover a reflexão, lançar questões, mediar, construir momentos de síntese e consolidação, deixando claro que o papel activo pertence a cada um dos sujeitos envolvidos no processo e que o processo de construção efectiva só existe enquanto esse papel for desempenhado por todos. A estrutura em diálogo contribui para estabelecer desde o primeiro momento que a relação do visitante com o museu e o educador é activa e paritária⁴⁵. Sendo uma visita centrada na interpretação, o OVI procura ser um espaço de introdução ao olhar e à leitura das obras de arte enquanto suporte de ideias, sendo um encontro de participação activa, na qual se procura suscitar a inquietação como motor para a descoberta e a vontade de saber mais.

⁴⁴ *Idem, Ibidem.*

⁴⁵ *Idem, Ibidem.*

2. Estudo de caso e tarefas desenvolvidas

O principal foco do meu estágio foi o acompanhamento do projecto *Entre Vizinhos*: estar presente nas reuniões, dar apoio logístico durante as sessões e na preparação das mesmas e dar assistência à artista Ana João Romana no processo de colagem dos vinis. Assim sendo, o capítulo 2 do presente relatório pretende apresentar o *Entre Vizinhos* desde a sua criação, em 2016, até ao término do meu estágio, a Abril de 2019. Embora o acompanhamento deste projecto tenha sido a minha prioridade no período de estágio, realizei outras tarefas, nomeadamente o acompanhamento e apoio da Oficina da Páscoa, da qual farei uma breve descrição.

2.1. *Entre Vizinhos*

O projecto *Entre Vizinhos*, mediado por Diana Pereira e Joana Andrade, surge no seguimento do projecto *O Nosso Km2*, uma iniciativa do Programa Gulbenkian de Desenvolvimento Humano, que teve início em 2011 e procurava dar resposta a três situações problemáticas identificadas no território: a solidão das pessoas mais velhas; o desemprego jovem e o desemprego feminino; e o insucesso e absentismo escolar⁴⁶. Entre 2013 e 2016, o Museu Calouste Gulbenkian começa a participar neste projecto, oferecendo visitas guiadas a alguns grupos pertencentes ao mesmo, como escolas e centros de dia, de forma a contribuir para a promoção da socialização entre moradores com vista a uma maior coesão da comunidade e à redução do isolamento sénior⁴⁷. Durante este período, o grupo de instituições séniores foi aumentando. Cada grupo vinha uma vez por mês, numa visita de 45 minutos à Colecção do Fundador, na qual eram exploradas duas ou três obras.

Em 2016, com a reestruturação do MCG e com a nova direcção de Penelope Curtis, o trabalho com a população sénior torna-se uma prioridade do Serviço Educativo para o público adulto, com a vontade de querer construir uma relação de proximidade com a população vizinha, sobretudo pelo facto de não existir uma relação forte entre a Fundação e a população envolvente que, por diversas razões, não usufrui da sua diversa oferta cultural. É neste contexto que surge o projecto *Entre Vizinhos*, com a pretensão de se constituir um projecto de continuidade, com objectivos definidos, metodologias e

⁴⁶ PEREIRA, Diana, “Como construir relações de relevância entre a Fundação Calouste Gulbenkian e a comunidade envolvente?”, p.1

⁴⁷ *Idem, Ibidem*, pp. 2-3.

etapas específicas, “procurando alterar a percepção dominante sobre a Fundação, promovendo a utilização do espaço e da oferta cultural e patrimonial que a instituição, e nomeadamente o Museu, proporcionam⁴⁸.”

A reunião inicial do projecto foi realizada com os objectivos de se seleccionar as instituições IPSS⁴⁹ que viriam a colaborar com o *Entre Vizinhos*, fazer um balanço do trabalho realizado até então e apresentar novas linhas de trabalho. Estiveram presentes três das nove instituições contactadas – duas destas envolvidas desde 2013 – e um responsável pelo Departamento de Desenvolvimento Local da Câmara Municipal de Lisboa – parceiro d’ *O Nosso Km2*. Apesar de outras instituições interessadas, foram seleccionadas as que tiveram presentes na reunião, pois reuniam as condições necessárias para dar início ao projecto: ter um espaço na instituição onde se pudessem realizar as sessões-oficina; e haver um responsável pelo grupo que desse seguimento ao processo permanentemente. As instituições são três Centros de Dia da Freguesia das Avenidas Novas:

Centro D. Maria I – Santa Casa da Misericórdia de Lisboa (SCML)

“Os utentes do projecto que frequentam o Centro fazem-no diariamente devido às actividades e refeições, participando, na sua maioria, em mais do que uma actividade. O centro conta com diferentes valências de apoio quotidiano à população sénior, disponibilizando ainda diversas actividades ocupacionais, nomeadamente o projecto “Memórias das Avenidas”, promovido pela Universidade Nova de Lisboa, entre outros⁵⁰.”

Associação para o Desenvolvimento e Apoio Social – Bairro do Rego (ADAS)

“Tem como missão melhorar a qualidade de vida e a segurança dos idosos. Para isso, desenvolve um conjunto de actividades que vão desde os cuidados básicos à promoção de actividades culturais, formativas e de animação. Procura promover a capacidade de participação, potenciar as relações interpessoais, melhorar a integração social e autonomia desta população. Os utentes que participaram no projecto frequentam várias disciplinas da academia sénior que esta instituição oferece. Todos eles estavam inscritos

⁴⁸ *Idem, Ibidem*, p.3

⁴⁹ Para esta reunião foram convidadas as instituições IPSS que trabalham com o público sénior na Freguesia, bem como universidades séniores.

⁵⁰ “Relatório Entre Vizinhos. Serviço Educativo – Fundação Calouste Gulbenkian”, p. 10

na ‘disciplina’ de Costumes e Tradições e foi nesse contexto que participaram no projecto⁵¹.”

Associação de Auxílio Social de São Sebastião da Pedreira (AASSP)

O centro encontra-se em fase de transição para um novo espaço e tem um número de actividades reduzidas. Os utentes que participaram no projecto vão diariamente ao centro almoçar e durante a tarde usam-no como um espaço de convívio.

As novas linhas de trabalho e objectivos a longo prazo apresentados pelo Serviço Educativo foram:

- “fortalecer laços de vizinhança com a Fundação e entre instituições;
- combater o isolamento sénior através da familiarização com a arte e o espaço do museu;
- reforçar a ideia de que a aprendizagem se faz ao longo de toda a vida e validar a experiência de vida como conhecimento significativo;
- trabalhar o museu e os seus objectos como espaço de construção e validação identitária, abrindo espaço para outros olhares e vozes no Museu e criando relações entre as obras, as pessoas e os seus múltiplos significados;
- conceber e implementar dinâmicas que desafiem os visitantes a tornarem-se participantes autónomos a médio-longo prazo e mediadores-chave para novos visitantes (pares.)⁵²”

a) Metodologias

O trabalho de mediação no *Entre Vizinhos*, enquanto projecto de um serviço educativo que assenta a sua programação e trabalho na filosofia do construtivismo crítico, é fruto de um cruzamento metodológico da abordagem construtivista crítica e da arte relacional.

Na abordagem construtivista, os mediadores e o Museu não se apresentam como fonte única de conhecimento, mas sim como facilitadores e potenciadores do processo de aprendizagem. Esta tem por base a proposta de exercícios de interpretação que têm em consideração os conhecimentos prévios do indivíduo, pressupondo a partilha dos diversos

⁵¹ *Idem, Ibidem.*

⁵² PEREIRA, Diana, Op. Cit. p. 3

olhares e leituras que recaem sobre uma obra de arte. Esta partilha é algo relevante porque o indivíduo ao ter de expor e justificar o seu ponto de vista, passa, na maioria das vezes, a questionar-se, a escutar e a integrar a visão dos outros. E, assim, através desta participação e “negociação de significados”, desenvolvem-se competências de análise e crítica “capazes de enquadrar o contínuo processo de modificação, adaptação e extensão que a aprendizagem ao longo de toda a vida implica⁵³.”

Neste sentido, a principal função do mediador consiste na criação de uma ligação que tome como ponto de partida os sistemas de referência dos participantes – as suas motivações, interesses, memórias, etc – fazendo com que a sua partilha “seja capaz de conferir sentido aos novos olhares que se cruzam, aos novos conhecimentos que vão integrando e alargando progressivamente esse conjunto de significados, introduzindo estímulos que desafiem os pontos de partida iniciais e que, por isso mesmo, têm um potencial transformativo maior⁵⁴.”

Nesta perspectiva, e seguindo a linha de John Falk e Lynn Dierking, a visita ao museu é concebida enquanto um processo mais amplo denominado por “experiência museal”. Uma experiência composta pela intersecção de três contextos: o contexto pessoal, social e físico, sendo precisamente na sua intersecção que se dá a construção e definição da experiência que perdurará na memória dos indivíduos, fomentando a construção de aprendizagens significativas, efectivas e duradouras.

O construtivismo crítico propõe também que a aprendizagem seja potenciada pela prática de exercícios que envolvam a mente – *minds-on* – e as mãos – *hands-on*, levando a uma reflexão sobre o que se está a aprender através de como se está a fazer. Susana Gomes da Silva diz-nos ainda que, segundo estudos recentes, “‘fazer’ por si só não é necessariamente sinónimo de aprender se a acção requerida não se inserir num desafio de tipo cognitivo que levante questões e dote a experiência de sentido⁵⁵.” Desta forma, os exercícios devem propor um envolvimento e participação que potenciem a inteligência emocional e afectiva a fim de se proporcionar uma aprendizagem assente em aprender-fazendo – *hands-on*; fazer-pensando – *minds-on*; e pensar-envolvendo-se – *hearts-on*.

⁵³ *Idem, Ibidem*, p. 5

⁵⁴ *Idem, Ibidem*.

⁵⁵ *Idem, Ibidem*,

Tendo em consideração esta trilogia, o *Entre Vizinhos* partiu da premissa que as sessões com os grupos promovessem duas situações de aprendizagem, de forma alternada:

- Visitas em contexto de Museu, que pressupõem uma discussão partilhada estabelecida pelo confronto directo com as obras;
- Oficinas no Centro de Dia, que consistiriam no aprofundamento da reflexão feita no Museu, em contexto de visita, através da realização prática de exercícios.

O termo “arte relacional” foi proposto pelo filósofo Nicolas Bourriaud na década de 90 do século XX e tem sido bastante utilizado como uma das definições da prática com comunidades. O filósofo entende a arte relacional como “uma arte que toma como horizonte teórico a esfera das interações humanas e o seu contexto social⁵⁶”, o que potencia novas “possibilidades de vida” a uma obra de arte. Defende a importância dos espaços com exposições de arte contemporânea, pois estas criam espaços livres que, segundo o autor, são lugares de encontro privilegiado para a reflexão imediata feita em grupo. A Arte, referindo-se o autor a práticas derivadas da pintura e da escultura que se manifestam numa exposição, estreita o espaço das relações. Ao contrário da televisão, da leitura, de uma ida ao cinema ou ao teatro, que remetem para espaços de consumo privado e que não produzem um comentário directo, ficando a discussão para depois. Pelo contrário, durante uma exposição, estabelece-se a possibilidade de uma discussão imediata. Para Bourriaud, uma obra de arte pode funcionar como um dispositivo relacional, provocando e gerando encontros casuais individuais ou colectivos, pretendendo sempre um diálogo: “Uma boa obra de arte sempre pretende mais do que a sua mera presença no espaço: ela abre-se ao diálogo, à discussão, a essa forma de negociação inter-humana que Marcel Duchamp chamava de ‘o coeficiente da arte’ – e que é um processo temporal, que dá aqui e agora⁵⁷.”

⁵⁶ BOURRIAUD, Nicolas, *Estética Relacional*, Dijon, 1998. Disponível online em: https://kupdf.net/download/est-eacute-tica-relacional-nicolas-bourriaud_58dc634fdc0d60bc34897106_pdf

⁵⁷ *Idem, Ibidem.*

b) Fase piloto, de exploração e criação

Fase Piloto

A fase piloto (Anexo 3), decorrida entre Janeiro e Junho de 2017, foi essencial para testar a receptividade à nova abordagem e metodologia de trabalho. Os seus objectivos foram:

1. “reforçar laços de vizinhança com a FCG, assentes numa relação recíproca de anfitrião-e-convidado;
2. Conhecer a realidade das instituições, suas dinâmicas de grupo, infraestruturas, etc., para ajustar o projecto a longo prazo;
3. Discutir e reflectir de forma criativa e aprofundada a partir das obras do MCG;
4. Explorar diversos materiais para a expressão individual;
5. Fomentar que os participantes tenham um papel activo na escolha das visitas seguintes;
6. Promover um sentido de identidade colectiva em cada grupo;
7. Convidar os participantes a experienciar uma situação de mediação em contexto de visita destinadas aos seus pares;
8. Promover um encontro informal mas de partilha de responsabilidades entre todos os participantes⁵⁸.”

Com o intuito de dar início a uma relação de proximidade entre a Fundação e os Centros (objectivos 1 e 2) foram realizadas sessões no Museu e nas instituições. Para a reflexão e discussão a partir das obras de arte e para trabalhar a expressão individual (objectivos 3 e 4) foram realizadas visitas em museu seguidas de oficinas no Centros. O objectivos 5 e 6 decorreram em processo aberto, colaborativo e participativo, no qual cada grupo ia definindo os temas das visitas consoante o seu interesse colectivo suscitado durante as oficinas. Para a concretização de um momento de mediação feito pelos participantes e de um encontro entre grupos (objectivos 7 e 8) organizou-se um evento em Junho, na Fundação, com a presença dos três Centros. A concretização deste encontro, embora tivesse sido pensado como um dos objectivos desta fase, dependeria da motivação dos grupos, estando em aberto se de facto iria acontecer. Contudo, o encontro não constituiria um resultado que determinasse o sucesso do processo, mas um elemento que

⁵⁸ PEREIRA, Diana, Op. Cit., p. 9

permitisse avaliar e compreender o rumo a seguir na fase seguinte. Em Maio, a resposta positiva que os grupos estavam a dar à nova abordagem levaram as mediadoras a proporem a organização do encontro final, que se concretizou a 28 de Junho de 2017. Foi um encontro programado entre e para instituições, para o qual foi pedido a cada grupo que criasse um momento de mediação num espaço da Fundação e tema por si escolhido.

Primeira sessão

A primeira sessão, denominada de “Mapa e Lembranças”, decorreu nos espaços de cada instituição com a intenção de estabelecer uma relação entre instituições e de realizar um diagnóstico inicial que possibilitasse às mediadoras determinar o sistema de referências - interesses, memórias, etc - dos participantes. A partir de um mapa da freguesia, no qual os participantes tinham de assinalar as suas residências, pretendia-se compreender que tipo de relação, sentimentos de pertença e hábitos culturais, cada participante tinha com a Fundação:

“Ia à Feira Popular antes da Fundação ser construída?

Costuma ir à Fundação?

Do que mais gostou quando visitou o Museu?”

A partir das respostas obtidas a estas questões, foram definidos os temas das visitas que iriam acontecer no Museu. De seguida serão apresentadas as principais linhas e dinâmicas de grupo que caracterizaram o trabalho desenvolvido pelos Centros, pretendendo “ilustrar como surgiam as temáticas de uma sessão para as outras, num processo dinâmico e espontâneo, onde por vezes era difícil perceber se existia qualquer linha condutora mas que deixa patente a mais-valia de um projecto em aberto⁵⁹.”

AASSP

Dinâmica de grupo:

Começando por uma participante – frequentadora assídua da Fundação – e contagiando o restante grupo, surgiu o interesse pela obra de Almada Negreiros e numa visita específica ao painel *Começar*, que se encontra na entrada do edifício sede da Fundação. Na altura estava para breve a inauguração da exposição *José Almada Negreiros – Uma Maneira de Ser Moderno*, o que contribuiu para o aprofundamento e exploração

⁵⁹ *Idem, Ibidem.*

da sua obra. Este aprofundamento estabeleceu uma ligação forte entre o grupo e o património da Fundação, concretamente com o painel *Começar*.

Exemplo de Visita-Oficina:

Esta visita-oficina teve como principal objectivo trabalhar os objectos como meios de construção e validação identitária, criando espaço para múltiplos olhares e vozes interpretarem as obras de arte. Depois da visita à exposição, foi pedido que cada pessoa escolhesse a obra que mais tinha gostado a fim de, na oficina seguinte, serem criados postais que combinavam a colagem de reproduções das obras escolhidas (no verso) e as interpretações pessoais (no reverso). “A criação dos postais propôs a interpretação da obra do artista a partir das histórias e relações pessoais procurando activar o mundo interior dos participantes. Com todos os postais montou-se um caderno-harmónico em formato A6, um formato habitualmente utilizado pelo artista e que permite que os trabalhos individuais (postais) ganhem um sentido de grupo ao serem organizados em caderno⁶⁰.”

Balanço da actividade:

O grupo demonstrou verdadeiro interesse na reflexão conjunta e predisposição para exercícios escritos e de oralidade. Contudo, embora este tipo de exercícios fossem novos desafios no seu quotidiano e nas suas relações de grupo, surgiu alguma hesitação e desinteresse quando os exercícios pressupunham determinado trabalho plástico. Nesta fase, um dos aspectos ainda assinalados foi a falta de sentimento de pertença e identidade de grupo.

Número de participantes: Entre os 4 e os 14

Encontro final:

O grupo escolheu fazer a sua apresentação no painel *Começar*, na qual três pessoas desejaram participar, partilhando as interpretações e reflexões que fizeram das suas obras favoritas.

SCML

Dinâmica de grupo:

Pelo facto de visitar a Colecção do Fundador desde 2013, este grupo demonstrou curiosidade em conhecer outros espaços da Fundação. Visitaram as duas exposições temporárias, *José de Almada Negreiros – Uma Maneira de Ser Moderno* e *Tamas Kaszas – Alegria e Sobrevivência*, e o Jardim.

Exemplo de Visita-Oficina:

⁶⁰ *Idem, Ibidem*, p. 11

A exposição *Támas Kaszas – Alegria e Sobrevivência* abordava preocupações ambientais, económicas e antropológicas, fruto de uma sociedade globalizada. A peça que suscitou mais interesse foi a *Ex-Future*, o que levou ao desafio da sessão seguinte: escolher um objecto que tenha sido útil no passado e que, supondo uma situação de colapso ecológico e económico, pudesse vir a ser útil no futuro. Em oficina, criou-se uma tabela para cada um dos objectos, como se se tratasse de um objecto em contexto museológico, o que permitiu aos participantes uma aproximação e familiarização de algumas questões técnicas próprias do funcionamento de um museu, como por exemplo ‘número de inventário’. Foi pedido que escrevessem a sinopse tendo em consideração um visitante que visitasse uma exposição com objectos que tinham sido preservados para que no futuro a vida da espécie humana não fosse colocada em causa.

Balanço:

O grupo respondeu positivamente aos desafios plásticos e teóricos.

Número de participantes:

Em oficina chegaram a estar presentes 30 participantes. Ao Museu iam em média 9 pessoas. “A constante oscilação de participantes foi uma das dificuldades sentidas na gestão do grupo e na possibilidade de dar continuidade à discussão-reflexão, exigindo uma grande flexibilidade na adaptação das propostas lançadas de sessão para sessão⁶¹.”

Encontro final:

O grupo criou um percurso pelo Jardim, com o nome *5 sentidos para a sobrevivência*, seleccionando 5 locais que propunham pequenos jogos relacionados com um dos 5 sentidos, recuperando desenhos e experiências vividas nas sessões anteriormente realizadas.

ADAS – BR

Dinâmica de grupo:

O ADAS-BR difere dos dois outros centros por disponibilizar a valência de centro de dia com escola, pelo que a parceria entre Fundação e instituição foi estabelecida com a professora da disciplina de Costumes e Tradições, ao contrário do que aconteceu com as outras instituições em que a proposta foi dirigida a todas as pessoas do centro. Neste sentido, os temas seleccionados para as visitas ao Museu incidiram sobre questões relacionadas com costumes e tradições. O grupo visitou as duas colecções do Museu e a exposição *José Almada Negreiros – Uma Maneira de Ser Moderno*. A Colecção Moderna

⁶¹ *Idem, Ibidem.*, p. 13.

suscitou maior interesse no grupo, que estabeleceu relações imediatas entre as obras e as suas memórias pessoais, costumes e tradições.

Exemplo de Visita-Oficina:

Durante a oficina de uma das sessões, cada pessoa contou uma história por si vivida a partir de um recipiente trazido de casa. As partilhas deram a origem a uma conversa sobre as bicas de água onde antigamente os moradores do bairro abasteciam-se e na existência de uma bica próxima do local onde hoje se encontra a Fundação. Na continuação da “conversa”, foi proposto que a visita seguinte incidisse sobre a construção de novos edifícios e as alterações daí decorrentes nos hábitos e percursos quotidianos. Foi selecionado o conjunto *Milagre Técnico* (2013) de Miguel Palma, da Coleção Moderna, para promover o debate. “Esse conjunto tem por base reproduções de fotografias do Instituto Superior Técnico (IST) de 1932 que são intervencionadas com colagens e desenhos pelo artista. A peça também foi escolhida precisamente pelos anacronismos próprios da justaposição entre passado e presente facilitando relações espontâneas entre os participantes e as obras⁶².” A fim de conhecer os hábitos deste grupo, como os seus percursos no bairro ou os lugares onde viveram, aprofundou-se a reflexão sob este tema e cada um partilhou como nalgum momento da sua vida um percurso do seu quotidiano foi alterado após a construção de um edifício.

Para a oficina seguinte foi pedido que cada um levasse fotografias ou imagens que ilustrassem as histórias que tinham contado. O exercício proposto consistia na justaposição de imagens com desenhos e colagens de diversos materiais. “Na base desta experiência processual promove-se uma aprendizagem que valida a experiência de vida como conhecimento significativo, partindo-se deste conhecimento para a compreensão e estabelecimento de relações com a arte. As memórias orais são transformadas plasticamente em composições visuais que naturalmente são passíveis de ser interpretadas por outras pessoas de novas maneiras. Com esta tríade, *hands-on, minds-on, hearts-on*, pretende-se também que o participante compreenda o processo criativo do artista: desde a apropriação de recursos materiais (ex. fotografias) e imateriais (ex. memórias), passando pela criação de um novo objecto que acaba na sua exposição e na multiplicidade de leituras possíveis decorrentes da sua interpretação⁶³.”

⁶² *Idem, Ibidem*, p.16

⁶³ *Idem, Ibidem*, p.17

Balço:

O resultado positivo a salientar é a autonomia de cada participante, tanto na interpretação da obra como na apresentação final, o que leva a uma das mediadoras a afirmar que “é este tipo de trabalho que interessa progressivamente desenvolver e aprofundar com todos os participantes.”

Número de participantes: Turma composta por 6 alunos.

Encontro final:

Foi pedido que cada participante escolhesse uma obra que tivesse sido debatida numa das sessões e que preparasse uma apresentação oral sobre a mesma. Cada um desenvolveu a sua leitura tendo por base as suas memórias pessoais e recorreram a objectos para a mediação da obra.

Terminada esta fase, o balanço realizado entre as mediadoras e as responsáveis dos centros foi positivo. Em termos quantitativos traduz-se em:

3 instituições

23 participantes regulares

29 sessões

1 mediador permanente e 6 colaboradores pontuais (convidados para orientar visitas de acordo com os interesses dos grupos)

1 evento organizado por todos os intervenientes

As principais conclusões obtidas foram de que a nova abordagem aplicada teve consequências positivas nos três grupos e de que o encontro final foi um momento importante para os grupos. As sessões nos centros foram sentidas como momentos de fortalecimento, entre o grupo, sobretudo pelo convívio proporcionado, mas também na relação com a Fundação. A possibilidade de escolher os temas e adaptar o processo a cada grupo foi uma mais-valia no processo, apesar de ter havido algumas dificuldades sentidas na motivação contínua do grupo para a execução de exercícios. No encontro final, a responsabilidade de preparar uma visita deu origem a entusiasmo por parte alguns participantes, mas medos e desistências por parte de outros.

Concluída a fase inicial de trabalho, seguiu-se a programação da temporada 2017-18, que se dividiu em dois momentos de trabalho: a fase de exploração e a fase de criação.

Fase de Exploração

A Fase de Exploração, que decorreu entre Novembro de 2017 e Março de 2018, procurou ter uma abordagem transdisciplinar em que cada sessão é pensada para explorar diferentes valências do indivíduo: a capacidade de observação, de escuta, de comunicação, o despertar do corpo, a sensibilidade estética, a expressão individual, que passa por propostas de trabalhos colectivos com seguimento progressivo para trabalhos individuais, “a fim de estimular a observação, a sensibilizar para questões artísticas de processo e concretização, a aprofundar a expressão individual e colectiva. Para tal, os exercícios propostos exploram diferentes *media* (poesia visual, instalação, vídeo, ...) e temáticas (território, memória, corpo, ...) ⁶⁴.”

Os objectivos desta fase foram:

- Organizar mais sessões de encontro entre as instituições a fim de fortalecer os laços de vizinhança entre os participantes e promover o sentimento de identidade de grupo;
- Tornar o Museu um lugar de convívio inscrito na geografia pessoal e colectiva, contribuindo para a percepção de que este é património da comunidade.

Para tal, foi feita uma alteração em relação à fase anterior: calendarizou-se uma visita mensal ao Museu com os três grupos em simultâneo, continuando em paralelo o trabalho de oficina. Isto obriga a que o programa das visitas e oficinas já esteja pré-determinado e que seja o mesmo para as três instituições. Abdicou-se da construção partilhada dos temas por se considerar que a construção de grupo entre todos os participantes era indispensável à continuação do projecto e ao trabalho a desenvolver em conjunto com o artista convidado. Os temas das sessões e oficinas foram: mapa/território; memórias; poesia visual; luz e sombra; corpo em movimento.

A título de exemplo, seguem-se 4 sessões realizadas, duas nas instituições e duas colectivas no Museu:

1. 1ª sessão | Outubro e Novembro 2017 | Tema: Mapa/Território

Palavras-chave: ligações, teia, território, mapa, percurso, corpo, vizinhança, rede, limites

Na instituição, foram realizados dois jogos – o jogo da teia e o jogo do mapa – e foram feitos alguns exercícios corporais. O jogo da teia consistia na construção de uma teia, através de um novelo de trapilho. Começava com uma pessoa que tivesse o trapilho

⁶⁴ *Idem, Ibidem*, p.20

na mão e dizia: “Olá, o meu nome é X, e lembro-me que este ano as visitas à Fundação para mim formam um momento de ...”. O jogo do mapa consistia na construção de um mapa colectivo. A partir de um mapa da Junta de Freguesia, A0, cada instituição numa folha de papel vegetal, também A0, assinala o centro de dia, a Fundação e os percursos individuais que fazem entre casa-centro, trabalhando as questões:

Que percurso faço?

Como é que o faço?

Qual o meu estado emocional?

Como é que o meu corpo se comporta?

Como estou à partida e como estou à chegada?

2. Sessão conjunta, Colecção Moderna

Foi discutida a obra *O Sr. e Eu éramos grandes amigos*, de Alfredo Queirós Ribeiro, havendo uma dinâmica corporal de observação da obra, primeiro individual e depois a pares, estabelecendo um paralelo com o trabalho desenvolvido nas instituições. Esta sessão contou com a presença de 3 estudantes do 1º ano da licenciatura de História da Arte da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, e da Professora Alexandra Curvelo.

3. 5ª sessão | Março 2018 | Tema: Corpo em movimento

Palavras-chave: corpo, movimento, frase coreográfica, convocar sessões passadas

Começou pelo grupo estar 1 minuto em silêncio recordando-se das sessões anteriores. Depois, estiveram outro minuto em silêncio a ouvir música. De seguida, fizeram aquecimento do corpo, também com música, a fim de explorarem o espaço e respectivo ambiente. Seguiu-se a partilha do que foi para cada um o primeiro minuto, em que tiveram inicialmente de se exprimir oralmente e depois corporalmente, com o objectivo de dar movimento à ideia, criando uma frase coreográfica a partir da memória-movimento individual.

4. Sessão conjunta, Colecção do Fundador

Decorreu na Sala do Mobiliário do século XVII e XVIII, na qual foram realizadas dinâmicas de corpo e apresentação de coreografias ensaiadas anteriormente.

Fase de Criação

A Fase de Criação, realizada entre Abril e Junho de 2018, teve como objectivo o acompanhamento e participação no processo de criação de um artista.

À semelhança de outras iniciativas do SE do MCG, utilizou-se uma metodologia participada e de responsabilidade partilhada, na qual os temas e desafios são inicialmente pensados pela equipa do Serviço mas com uma vertente permeável e que vai sendo reconfigurada mediante as respostas e propostas específicas do grupo com o qual se está a trabalhar. As estratégias⁶⁵ implementadas consistiram:

- Na definição de temas e/ou conceitos estruturadores que funcionavam como módulos de trabalho em sessões alternadas no Museu e nos Centros de Dia;
- “todos os grupos partiam das mesmas temáticas e decidiam depois como responder a elas de forma criativa e independente”;
- “todos os grupos apresentavam os seus trabalhos/resultados aos outros numa sessão conjunta no Museu que fechava cada módulo”;
- “todos os módulos incluíam sessões no Museu e no Centro de Dia e incluíam trabalho de expressão artística (movimento, plástica, escrita)”;
- “acrescentou-se uma dimensão assumidamente artística convidando a uma artista visual para realizar uma obra participativa com os grupos. O seu trabalho seguiu a estrutura já existente e durou de Maio a Novembro”;
- “realizou-se uma avaliação externa para que fosse possível medir e sistematizar os resultados deste projecto”.

O projecto artístico, que se viria a chamar *24 Estórias Entre Vizinhos*, consistiria na criação de um Livro de Artista, com a colaboração da artista plástica Ana João Romana, que traduziria a teia de relações construída pelos participantes a partir de e com as Coleções do MCG. Tratar-se-ia de um processo criativo que passaria pela recolha de memórias sobre a experiência dos participantes com a Fundação, gravação de entrevistas e elaboração de páginas para o futuro livro, em que os grupos seriam convidados a colaborarem na construção do conteúdo da obra final, com previsão a ser apresentado no último trimestre de 2018.

⁶⁵ “Relatório Entre Vizinhos. Serviço Educativo – Fundação Calouste Gulbenkian”, p. 12

As sessões que deram forma a esta fase procuraram sobretudo familiarizar os grupos com o conceito de Livro de Artista e com o trabalho da artista com iriam colaborar, apresentado as suas instalações criadas para a Fundação, País de Gales, Sines e gasómetro da Matinha, explicando as semelhanças e as diferenças com o projecto de instalação que ia ser desenvolvido com o *Entre Vizinhos*. Em Junho, cada participante criou uma dupla página para o Livro de Artista, para a qual foi dada total liberdade de escolha para o que lá desejassem expor; e foram escolhidos os espaços da Fundação e do Bairro onde seriam instaladas as estórias. O restante mês de Junho e Julho foram dedicados às entrevistas e retratos de cada um dos participantes.

Entre Novembro de 2017 e Junho de 2018, o projecto traduziu-se em⁶⁶:

24 oficinas (instituições)

11 reuniões

8 visitas (FCG)

24 entrevistas e retratos

26 participantes: 5 do ADAS; 9 da SCML; 9 da AASSP

2.1.1. 24 Estórias Entre Vizinhos

O meu estágio enquadra-se no último trimestre de 2018, que corresponde à criação da obra final – uma intervenção artística na qual os participantes foram convidados para a construção do produto final: uma instalação *site-specific* no espaço da Fundação e outros locais da Freguesia das Avenidas Novas, escolhidos pelos próprios, bem como um Livro de Artista, fruto de trabalho colectivo. (Anexo 4)

a) Processo artístico

“Quais são as memórias que tem da Freguesia?

E as memórias da Fundação?”

Foram estas as questões que formaram o ponto de partida às entrevistas realizadas por Ana João Romana aos 24 participantes do projecto, a fim de conhecer um pouco da biografia de cada um e das suas memórias relativas à Fundação ou espaços envolventes. A partir do depoimento de cada um, a artista seleccionou a frase que melhor ilustrou a referida memória, materializando-se numa intervenção em dois momentos: a publicação de um Livro de Artista e uma instalação em que as frases foram impressas em grande

⁶⁶ *Idem, Ibidem*, p. 11

escala e coladas nos devidos locais. A construção da exposição final na Fundação, a preparação da instalação pela Freguesia e a manufacturação dos 50 livros decorreu entre Outubro e Novembro.

O Livro de Artista *24 Estórias Entre Vizinhos* é composto por um retrato fotográfico de cada participante – captado pelo fotógrafo Eduardo Sousa Ribeiro -, por uma página com uma composição gráfica individual e um excerto da entrevista realizada pela artista a cada participante. Foi fruto de um trabalho colectivo, realizado durante uma semana – entre 22 e 29 de Outubro -, na Sala Polivalente do Museu, e durante a qual os participantes iam aparecendo para colaborar na elaboração do Livro. Foram ainda organizadas, pelas mediadoras, sessões de mediação com cada grupo, a fim de preparar os participantes que desejassem ter o papel de mediadores da exposição para futuras visitas. Houve ainda um dia aberto a todas as pessoas, funcionários ou simples curiosos, que quisessem participar.

A instalação *site-specific* consistiu na instalação das 24 estórias a partir da colagem de vinis em cada um dos locais selecionados (Anexo 5). Os locais no bairro onde foram instaladas estórias foram:

1. Associação de Auxílio Social de São Sebastião da Pedreira
2. Associação para o Desenvolvimento e Apoio Social – Bairro do Rego
3. Barbearia Américo Silva
4. Centro de Dia D. Maria I – Santa Casa da Misericórdia de Lisboa
5. El Corte Inglés
6. Electro Tenente Espanca
7. Escola Básica Marquesa de Alorna
8. Escola Secundária Maria Amália Vaz de Carvalho
9. Florista do Mercado do Rego
10. Fundação Calouste Gulbenkian
11. Igreja Nossa Senhora de Fátima
12. Junta de Freguesia Avenidas Novas
13. Livraria *Promobooks* Apolo 70
14. Pronto-a-Vestir Florinda
15. Residência Universitária Feminina Católica Portuguesa
16. Restaurante Galeria 44
17. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas – Universidade Nova de Lisboa

24 Estórias Entre Vizinhos inaugurou a 22 de Novembro, como um convite ao encontro das memórias destes participantes. Apesar de a exposição ter terminado a 7 de Janeiro, houveram locais que mantiveram as estórias nos seus espaços, como é o caso da Livraria *Promobooks*, no Apolo 70.

b) Processo de avaliação

O projecto *24 Estórias Entre Vizinhos* foi acompanhado por um processo de avaliação, feito pela antropóloga Dr^a Diana West e Dr^a Carla Fernandes, que deu origem a um relatório cujos resultados pretendem ser um contributo para a consolidação das práticas do Serviço Educativo bem como aferir a importância destas no cumprimento da missão da Fundação. A avaliação de um projecto com as particularidades do *Entre Vizinhos* é importante na medida em que possibilita analisar as estratégias que o Museu tem adoptado para se aproximar da comunidade envolvente a longo prazo, nomeadamente da população sénior⁶⁷. A avaliação processou-se em três etapas distintas:

1^a. Observação e acompanhamento das sessões realizadas entre Abril e Junho de 2018

As sessões observadas decorreram no Museu e nos Centros de Dia, a fim de compreender o impacto do espaço na dinâmica das sessões.

2^a. Recolha de entrevistas com uma amostra dos participantes do projecto

As entrevistas foram realizadas a 10 participantes, 1 artista, 2 mediadores do Museu, o coordenador do SE e 3 técnicos das instituições.

3^a. Análise, reflexão e feedback com a equipa do Museu.

Concluído o projecto, realizou-se um *focus group* onde foi discutida a última etapa do projecto, concluindo-se que nessa fase se intensificaram as relações e competências desenvolvidas desde o início do projecto.

As mudanças ocorridas em 2016 no Museu abriram porta à concepção de projectos de colaboração e participação com as comunidades. No *Entre Vizinhos*, “esta abordagem implicou:

- Pensar a relação do Museu para além de um calendário de visitas e planificar sessões no Museu e nas instituições alternadamente;
- Uma maior regularidade e intensidade na intervenção;

⁶⁷ *Idem, Ibidem*, p. 8

- Encontrar temas de trabalho assentes em conceitos nascidos das discussões e experiências de grupo⁶⁸.”

Os resultados da avaliação foram obtidos com base nas entrevistas realizadas aos 10 participantes e pela observação directa.

Resultados para o grupo-alvo

Segundo os dados obtidos, existe uma ligação entre o grau de envolvimento dos participantes e o grau de resultados alcançados, pois foram mais notórios os resultados nos participantes mais envolvidos no projecto, que por sua vez foram os que descreveram um maior impacto do projecto em si próprios e nos outros⁶⁹. Os resultados mais evidentes são ao nível das competências pessoais e interpessoais e na relação com o espaço do Museu e da Fundação, cumprindo assim um dos objectivos estabelecidos no início do projecto. Os resultados foram agrupados em 3 categorias interligadas⁷⁰:

Desenvolvimento pessoal

As actividades realizadas permitiram aos participantes desenvolver várias capacidades e competências relacionadas com o estímulo intelectual, a ocupação do tempo de forma interessante e gratificante, o desenvolvimento dos sentidos, da comunicação e de crescimento pessoal. Os participantes relataram ainda benefícios no campo da criatividade e da imaginação, a sensação positiva de estarem a aprender e a valorização pessoal, tanto pelo próprio desenvolvimento de cada um como pela recepção e acolhimento que tiveram por parte do Museu.

Relação com o meio

No sentido de contrariar a solidão e isolamento de alguns participantes, destaca-se a transformação da relação destes com o espaço da Fundação. Dos 10 participantes entrevistados, ao longo da sua vida todos frequentavam esporadicamente o Jardim mas 8 participantes nunca tinha entrado na Fundação para visitar exposições ou desfrutar da sua programação cultural.

⁶⁸ *Idem, Ibidem*, p. 12

⁶⁹ *Idem, Ibidem*, p. 16

⁷⁰ *Idem, Ibidem*, p. 17

“Houve um dia que disse: cada vez gosto mais disto! Todas as vezes que nos juntamos eu aprendo qualquer coisa de novo ou enche-me a alma. Coisas que nunca parei para ver ou pensar!”

Almerinda André, 2018

(participante do projecto *Entre Vizinhos*)

De entre os entrevistados, embora tenham todos uma ideia positiva da Fundação, encaravam-na como um sítio selectivo e destinado a elites. Contudo, os participantes salientam que o *Entre Vizinhos* possibilitou que saíssem de casa, que quebrassem rotinas, tivessem um sentimento de pertença e de estar num ambiente amigável e divertido. “Para este último indicador foi importante a forma como a Equipa de Educação do Museu proporcionou o acolhimento e acompanhamento, quer durante as visitas, quer nas respectivas organizações, fazendo-os sentirem-se especiais e valorizados⁷¹.” Foi mencionado por 9 participantes a relação afectiva entre estes e as mediadoras como um factor essencial para a sua motivação e envolvimento.

“Adorei o dia que o museu estava fechado para toda a gente menos para nós!”

Teresa Loureiro, 2018

(participante do projecto *Entre Vizinhos*)

Na fase de preparação da exposição, os participantes mencionaram a importância de percorrerem os espaços da Freguesia. Na perspectiva de Ana João Romana, a mediação dos participantes na relação com os espaços da Freguesia onde foram expostas algumas das frases foi fundamental, pois a escolha desses mesmos locais foi significativa para várias pessoas, por serem espaços associados a memórias importantes.

Para alguns participantes, deu-se uma relação de proximidade entre pares, levando-os a afirmar que os dias em “que estavam todos juntos” eram os melhores.

Ao convidar alguns participantes a mediar a exposição, o projecto trabalhou uma outra vertente de relação com o meio e com a Arte. Três participantes assumiram o papel de mediadores e apresentaram o seu próprio trabalho “sentindo, por um lado,

⁷¹ *Idem, Ibidem*, p. 18

orgulho na apresentação do trabalho colectivo e, por outro, dificuldade em envolver o público e estimular a participação deste⁷².”

Relação com a Arte e os seus espaços

O grupo ADAS valorizou a relação estabelecida com a Arte e com o espaço da Fundação, “dizendo que permitiram conhecer um espaço que inicialmente não consideravam ser adequado para si. Destacaram a capacidade de poderem formular uma visão e interpretação sobre o trabalho artístico sem precisar de conhecimentos prévios ou ‘intelectualismos’⁷³.”

“É uma coisa sem intelectualismos, eu não sou intelectual, mas sinto que posso discutir coisas que vejo à minha maneira, não preciso de estar de acordo e aprendi muitas coisas.”

Almerinda André, 2018

Outro resultado é a compreensão de que a interpretação e apreciação de uma obra de arte é algo individual e disponível a cada pessoa que queira aceitar esse desafio. Este tipo de projectos possibilitam que pessoas que nunca se relacionavam com Arte e com espaços da Arte o possam passar a fazê-lo, oferecendo aos participantes o sentimento de pertença a esse lugar e a legitimidade na sua participação e relação⁷⁴. Conforme depoimentos dos participantes, o desconforto que sentiam no início ao responder a questões sobre as obras expostas deu lugar a uma conversa agradável e troca de ideias, o que os envolvia e entusiasmava rumo a novas aprendizagens. A relação que estabeleceram com a Arte passou ainda por um lado emocional e pessoal, muitas vezes estabelecendo ligações com a sua própria história de vida. Foram frequentes relatos de memórias a partir das obras que trabalhavam nas visitas-sessões.

“Antes para mim a arte era uma coisa muito bonitinha e muito direitinha e agora sei que a arte não é só isso, é muito mais do que isso. Não fiquei a gostar mais (da arte contemporânea) do que da arte antiga, fiquei a compreender e apreciar mais.”

Margarida Nunes, 2018

(participante do projecto Entre Vizinhos)

⁷² *Idem, Ibidem*, p. 19

⁷³ *Idem, Ibidem*.

⁷⁴ *Idem, Ibidem*.

Embora a reacção ao trabalho final e à montagem do Livro de Artista tenha sido positiva, para vários participantes a elaboração de trabalhos manuais é um desafio para o qual se sentem “sem jeito” e com pouca habilidade. Este processo de montagem dos Livros e da preparação da exposição possibilitou tornar mais consciente tudo o que foi desenvolvido durante o processo de criação. O trabalho conjunto e envolvimento dos participantes durante esta fase possibilitou também uma consolidação das aprendizagens e relações que se vieram a desenvolver desde o início do projecto.

Resultados para os Centros de Dia

Pelas particularidades de cada Centro, cada um sentiu o *Entre Vizinhos* de uma forma única. De acordo com as técnicas, os resultados sentiram-se a nível interno e externo. A nível interno, o projecto é visto como um projecto que, baseando-se nas potencialidades individuais, promove a criatividade e a imaginação, “contribuindo para aumentar as competências sociais e interpessoais, nomeadamente: a comunicação, a tolerância, a gestão de expectativas e trabalho em grupo; o aprofundamento do conhecimento sobre a realidade dos públicos séniores; o aumento do conhecimento sobre a arte. Para uma das técnicas, verificou-se um aumento da capacitação dos participantes, nomeadamente da autonomia e o sentimento de pertença⁷⁵.” A nível externo, os Centros alargaram o seu trabalho colaborativo, fortalecendo-se as relações já existentes (dentro da instituição/com utentes/com técnicos).

Resultados para o Museu

As competências/conhecimentos adquiridos pela equipa do Museu ocorreram aos níveis da observação e escuta; e da adaptação do projecto às especificidades do grupo, melhorando assim a capacidade de mediar a arte contemporânea com o público sénior.

Através do *Entre Vizinhos*, o objectivo do Museu não se reflecte necessariamente num aumento de público mas na sua diversificação. “Ao alargar a diversidade de públicos e comunidades que se vêm representadas no espaço do museu e para quem se torna um espaço significativo é uma forma de contribuir para a heterogeneidade de públicos e no aprofundamento de relações que possam ser mantidas a longo prazo⁷⁶.” A nível departamental, este tipo de projectos são valorizados dentro da equipa do Museu – curadoria, programação – e conduzem os profissionais para diferentes possibilidades de

⁷⁵ *Idem*, p. 21

⁷⁶ *Idem*, p. 22

leitura das colecções. Ao nível interdepartamental, o projecto reforçou os laços entre o Museu e o Programa de Coesão Social, fazendo clara uma vontade de cruzamento de caminhos.

“Numa outra perspectiva, o projecto de educação do museu permite ainda alinhar-se com a missão da FCG para os próximos cinco anos de compromisso com os mais vulneráveis e que deverão ser os principais beneficiários da sua acção específica ao fomentar o conhecimento e a qualidade de vida através das Artes e Educação. Ao cruzar diferentes áreas de acção da FCG como as artes e a coesão social o museu encontra um espaço de intervenção onde projectos artísticos comunitários e/ou participativos assumem proeminência⁷⁷.”

Valor do projecto

Durante a sessão final de *focus group*, que consistiu num balanço e reflexão do projecto, foi pedido que cada participante escolhesse uma palavra para definir o significado/valor do projecto:

Continuidade

Partilha

Pertença

Afecto

Colectivo

Utilidade

Audácia

A palavra “afecto” foi mencionada por vários participantes, como um dos aspectos mais importantes no desenvolvimento pessoal e na relação com o meio. Os afectos gerados pela relação estabelecida com a equipa do Serviço Educativo, mas também os afectos gerados a partir da partilha da experiência e das relações desenvolvidas ao longo do projecto. Os afectos referidos foram possíveis de serem gerados e alimentados pelo carácter de “continuidade” que o projecto apresenta, sendo outra das palavras mencionadas. A “partilha”, “colectivo” e a “pertença” a uma comunidade, ainda que temporária, demonstram como este tipo de projectos podem ter um impacto bastante significativo na vida das pessoas que os integram. A “audácia” e o “sucesso” face ao

⁷⁷ *Idem, Ibidem.*

desafio lançado e que conduziu os participantes a chegarem a novos lugares e a outros modos de experimentar o mundo à sua volta, foram palavras também mencionadas, pois houve uma tomada de consciência da importância de se manterem envolvidos e abertos a novas possibilidades, tendo sido um caminho percorrido que conduziu a uma valorização pessoal e da auto-estima de cada um.

Como considerações finais do relatório de avaliação, consta que “a maior evidência deste projecto é a transformação radical da relação deste grupo de pessoas com a FCG e com a Arte. Na prática considera-se que os resultados atingidos foram além das expectativas iniciais.” Pelo que “o reforço de projectos desta natureza seria uma prática recomendável tendo em conta o seu efeito transformador e a imagem positiva que projecta do Museu e da Arte em geral. Este factor remete para uma noção clara de que os impactos positivos não se centram apenas nos participantes, existindo uma reciprocidade nos benefícios de participar no *Entre Vizinhos* extensível aos técnicos, mediadores, artistas e organizações⁷⁸.”

Outra consideração prende-se com o conceito de idoso/terceira idade/sénior na actualidade. Este projecto, proporcionando a compreensão das realidades dos participantes, permitiu levantamento de questões sobre a relação deste grupo com a Cultura e a Arte “e, ainda, validar as categorias com que normalmente são enquadrados. A experiência do *Entre Vizinhos* é reveladora neste campo ao tornar evidente que as práticas artísticas contrariam ideias feitas associadas ao envelhecimento como parar ou tornar-se lento. (...) mostra como as artes, não tendo impacto directo no processo de envelhecimento, podem, ao dar agencialidade e capacidade de intervenção aos seus criadores e participantes, mudar profundamente a experiência do envelhecimento ou do que é ser idoso⁷⁹.”

O projecto reveste-se de importância para a Fundação na medida em que oferece um aprofundamento dos conhecimentos e uma plataforma de reflexão sobre categorias essenciais para a compreensão da realidade social do idoso e do que significa ser idoso nos dias de hoje, permitindo à Fundação “ganhar robustez” na discussão do tema do envelhecimento e contribuindo para um posicionamento público e político mais informado sobre esta realidade⁸⁰.

⁷⁸ *Idem, Ibidem*, p. 25

⁷⁹ *Idem, Ibidem*, p. 26

⁸⁰ *Idem, Ibidem*, p. 27

Como recomendação, o relatório refere a pertinência de pensar numa estratégia de comunicação para uma futura ampliação ou amplificação de projectos como estes: “Este relatório procura contribuir para uma maior ressonância do projecto dentro da FCG mas outras estratégias de comunicação externas poderão ser accionadas. Artigos em publicações da especialidade e apresentações públicas sobre o projecto permitem dialogar com um grupo alargado de especialistas e com experiências semelhantes. Também a promoção do projecto através de instituições participantes e das redes de comunicação locais deverão ser tidas em conta. O alargamento de espaços de legitimação e divulgação do EV poderá ser uma boa forma de dar visibilidade externa e assim reforçar institucionalmente o projecto⁸¹.”

Grande parte dos participantes demonstrou-se disponível para dar continuidade à relação criada com o *Entre Vizinhos*, participando noutros projectos da Fundação e como possíveis mediadores para as actividades do Museu.

2.1.2. Terceira temporada

A terceira temporada do projecto *Entre Vizinhos* teve início em Fevereiro do presente ano, com previsão a terminar em Dezembro. O ponto de arranque da temporada foi uma fase de exploração, entre Fevereiro e Junho, composta por 4⁸² sessões de mediação e 4 oficinas, de temas diversos, desde a comida à Religião. De seguida apresentamos a organização e conteúdo das sessões realizadas (Anexo 6).

Sessão 1

Tema: “Banquete Criativo”

Palavras-chave: Banquete, alimento, composição, natureza-morta, comer com os olhos, efémero

Dinâmica: Perante duas pinturas de naturezas-mortas da Colecção do Fundador, foram colocadas as seguintes questões:

“O que vem do Mundo que eu quero reunir à minha mesa?

Que alimentos, que objectos eu dou valor? Em que momentos os uso, exponho, partilho?

Como é que uma composição de alimentos/objectos se transforma numa obra de arte?

⁸¹ *Idem, Ibidem.*

⁸² As sessões/oficinas decorreram até Junho. Dado que o meu estágio terminou em Abril, irei apenas fazer descrição das sessões/oficinas até essa data.

O me nutre a alma e o corpo? ⁸³”

A partir desta última questão foi pedido que individualmente escolhessem um objecto no Museu que lhe desse resposta. Com o grupo do ADAS, a sessão decorreu no Centro e surgiram muitas questões relacionadas com a técnica da pintura, abordando-se a diferença entre a pintura e a fotografia. As sessões com os restantes grupos foram realizadas no Museu.

Oficina 1

Tema: Banquete Criativo

Dinâmica:

- Composição colectiva do banquete;
- O grupo dividiu-se em 3 estações de trabalho: criação da toalha; criação dos recipientes; e criação dos pratos individuais;
- Cada pessoa trouxe o seu contributo para o banquete;
- Foi pedido a uma das participantes que, durante o banquete, escolhesse um trecho do livro *O Banquete*, de Platão, mas chegou-se à conclusão de que era demasiado complexo para ela e para os ouvintes.

Sessão 2

Tema: Água e Luz

Palavras-chave: Religião convergências, representações simbólicas

Uma das participantes, do grupo ADAS, pediu para que uma das visitas ao Museu fosse sobre o tema das Religiões. Nas sessões optou-se por não falar sobre cada Religião representada na Coleção, mas por apresentar os pontos em comum a todas elas, nomeadamente: a água e a luz (com sessões no Museu), e cânticos religiosos (em oficina, com a pretensão de se perceber a adesão do grupo ao canto).

Oficina 2

Tema: Cânticos religiosos

Palavras-chave: Água, luz, corpo, voz, cânticos

Dinâmica:

- Exercícios de aquecimento de corpo e de voz;

⁸³ Guião Fase de Exploração *Entre Vizinhos* 2019

- Partilha de cântico religiosos – foi pedido que trouxessem cânticos religiosos que quisessem partilhar connosco.
- Partilha de algumas pesquisas individuais sobre obras visitadas na Colecção do Fundador;
- Lanche partilhado preparado e oferecido pelo grupo da SCML.

Sessão 3

Tema: Arte e Ciência

Um dos participantes, do grupo da AASSP, pediu para que uma das visitas fosse sobre a Ciência. Para a organização desta sessão aproveitou-se a exposição *Cérebro – Mais vasto que o Céu*, que na altura estava patente no Museu. Algumas questões abordadas:

- O que nos estimula? O que estimula o nosso cérebro? O que nos alimenta o cérebro? O que nos interessa?;
- Estímulo; Curiosidade; Levantamento de uma questão; Investivação-acção;
- Cérebro e corpo; sentidos VS razão?;
- Percepção sensorial, emotiva, social, espacial e temporal;

Após esta fase, segue-se a fase de criação, de Julho a Novembro. Consistirá na criação de uma acto performativo, sendo Tânia Cardoso a artista convidada para trabalhar com o grupo de participantes do *Entre Vizinhos*. Para a concepção e programação desta temporada, procurou-se aprofundar as “vontades e memórias dos participantes e a performance tece relações entre as obras do Museu e o teatro-música, através da exploração da palavra, de paisagens sonoras e de cantigas do cancionero popular português. Integram ainda este encontro os músicos mondadeiros Rodrigo Crespo (guitarra e outros cordofones) e Susana Quaresma (apoio vocal). A performance – *Cantigas para o Coração* – é uma apresentação descontraída que convida familiares e outros vizinhos a celebrarem este momento de partilha, comunhão e afectos⁸⁴.”

2.2. Oficina da Páscoa

A Oficina da Páscoa 2019 decorreu entre 8 a 18 de Abril e teve como inspiração as comemorações dos 150 anos do nascimento de Calouste Gulbenkian e a exposição temporária *Francisco Tropa. O Pyrgus de Chaves*. Foram duas oficinas criativas, ambas

⁸⁴ Segundo depoimento de Diana Pereira

para crianças e jovens entre os 5 e os 15 anos de idade, a acontecer em períodos diferentes: a primeira, “A minha vida dava um filme!”, de 8 a 12; a segunda, “Os dados estão lançados”, de 15 a 18. A primeira tratou-se de uma oficina de cinema de animação em *stop motion*, com o intuito de, inspirando-se na figura de Calouste Gulbenkian e nas suas histórias, criar e recriar a sua e a biografia de cada um dos participantes. A segunda, por sua vez, foi uma oficina de artes plásticas e jogos com o objectivo de trabalhar a construção de jogos e o acto de jogar de forma plástica e criativa, salientando o papel da cooperação e da estratégia como eixos do trabalho em equipa.

Eu acompanhei a oficina “A minha vida dava um filme!”, estando presente nas reuniões de concepção e dando apoio durante a concretização da mesma, tendo ficado no grupo das crianças dos 5 aos 7, com as educadoras Maria Remédio e Sílvia Moreira (Anexo 7).

Com concepção e orientação de Madalena Marques, Maria João Carvalho, Maria Remédio, Sílvia Moreira, Sofia Martinho e Susana Pires, esta oficina pretendeu trabalhar conteúdos como “museu”, “coleção”, “biografia”, “narrativa”, “*storyboard*”, “*stop motion*”, tendo por base a biografia e figura de Calouste Gulbenkian.

De seguida são apresentados de forma sucinta os objectivos, sinopse e organização dos trabalhos durante a oficina.

Objectivos

- Contactar com várias técnicas de expressão artística e audiovisual;
- Sensibilizar para a linguagem cinematográfica;
- Conhecer histórias da vida de Calouste Gulbenkian;
- Desenvolver a multidisciplinidade da Arte;
- Valorizar o processo de trabalho nas suas várias etapas de desenvolvimento.

Sinopse

“Gulbenkian, que nome é este? Quem terá sido? Se houvesse um filme para nos contar...e se fossemos nós a fazê-lo? A história do Senhor Gulbenkian tem muito para descobrir: viagens do Oriente ao Ocidente, gostos peculiares, negócios e muitas curiosidades que atravessaram toda a sua vida. E para a contar, convocamos, também, as nossas histórias. Como uma grande equipa de cinema, vamos recriar a biografia de Calouste Gulbenkian num filme de animação, usando a técnica de *stop motion*. Tudo é possível usar: plasticinas, desenhos, fotografias, recortes, pequenos objectos e sons. Tal como na vida, no cinema, tudo é possível!”

Organização da semana

• 8 de Abril | segunda-feira

Temas

- Como se pode contar a história de uma vida?;
- Viagens à volta da biografia do Sr. Gulbenkian

Actividades

- Apresentação do grupo e do tema da oficina;
- Visita à exposição *Calouste: uma vida, não uma exposição*;
- Conhecer os espaços do Museu, a Colecção e as histórias do Fundador;
- Dinâmicas em torno da história;
- Criação de um “mapa mental” feito com aspectos biográficos do Sr. Gulbenkian;
- Construção de um diário de bordo;
- Ritual conjunto⁸⁵: exercício de expressão dramática com duração de 30 minutos.

• 9 de Abril | Terça-feira

Temas

- As estórias de Calouste contadas a muitas vezes;
- O que uma colecção diz de nós?
- Como se conta uma história?

Actividades

- Ritual conjunto;
- Conversa sobre colecções; quem colecciona o quê?; conceito de narrativa;
- Fotografias de viagens e respectivas histórias;
- Analisar como se conta uma história; explorar a estrutura de uma narrativa;
- Criação de uma história; as histórias pessoais de cada uma misturada com as do Sr. Gulbenkian;
- Planificação do filme: Quem são os personagens? Que adereços precisamos? Que cenários? Em que lugares se desenvolvem as cenas? Desenhos de *storyboard*.

• 10 de Abril | Quarta-feira

Temas

- Experiências em *stop motion* I

⁸⁵ O ritual conjunto era a primeira actividade do dia e que consistia na reunião de todas as crianças e jovens, para um exercício de expressão dramática, com o objectivo de estimular a expressão corporal.

Actividades

- Ritual conjunto;
- Apresentação de exemplos de filmes de animação em *stop motion*;
- Experiências técnicas de vídeo;
- Apresentação das possibilidades técnicas de animação *stop motion* com experiências de corpo e/ou objectos;
- Experiência de animação com imagem, objectos e corpos;
- Captação de imagens em *stop motion*;
- Concretização das ideias das crianças;
- Construção plástica de adereços para o filme.

• **11 de Abril | Quinta-feira**

Temas

- Experiência em *stop motion* II;

Actividades

- Ritual conjunto;
- Captação de imagens e vozes;
- Criação da música do genérico;
- Convites e cartazes para a estreia.

• **12 de Abril | Sexta-feira**

- Incluir elementos e fechar os diários de bordo;
- Estreia, com apresentação aos pais e amigos.

A oficina foi concebida e concretizada a partir da filosofia e metodologia do SE MCG. A sua aplicação na prática reflectiu-se no facto de, apesar do guião realizado, este não ter constituído um conjunto de tópicos a cumprir, mas antes uma orientação dos trabalhos a realizar. No decorrer da oficina, o guião foi moldado pela imaginação, gostos, interesses e motivações das crianças, sendo o conteúdo da obra final – um filme de animação em *stop motion* no qual foi recriada a história de Calouste Gulbenkian, numa confluência da sua biografia com a de cada um – da autoria dos participantes. Para tal, foi dada total liberdade a nível criativo e do uso da imaginação, tendo sido válida qualquer interpretação feita da Colecção, das obras ou da própria figura do Fundador, liberdade esta espelhada no filme produzido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como preâmbulo às considerações finais do trabalho desenvolvido durante o estágio, saliento o facto de os objectivos propostos para o mesmo terem sido cumpridos na sua totalidade.

A duração e o horário do estágio, bem como a integração na equipa do Serviço Educativo do Museu, participando nomeadamente nas reuniões de equipa, possibilitou-me conhecer a fundo as dinâmicas e o “quotidiano” do Serviço, assim como conhecer e participar da diversidade da sua programação educativa, para o qual contribuiu a liberdade que me foi dada para assistir a visitas, participar em oficinas ou estar presente em determinados eventos, como workshops ou conferências.

Apesar de alguma experiência no campo das visitas guiadas a museus, com este estágio adquiri novos conhecimentos e fiz aprendizagens a este respeito. A observação de visitas foi importante para reconhecer e compreender a aplicação na prática e em diversos formatos a abordagem construtivista crítica pela qual este Serviço se rege. Destaca-se a particularidade da visita OVI, a que tive a possibilidade de assistir a algumas e que me conduziu ao entendimento do espaço do museu como espaço de educação não formal, no sentido de a aprendizagem adquirida durante o momento da visita ser proveniente do despertar dos sentidos, do levantamento de questões, da partilha. Um momento estruturado por estratégias interactivas que procuram activar o pensamento de quem está presente, levando à construção de novos significados e de desconstrução de barreiras e preconceitos. Pela observação dos OVI compreendi como a sua especificidade vai ao encontro da metodologia do SE MCG, enquanto momento de reflexão apto a trabalhar e alargar os campos de referência de cada um, servindo as obras como estímulo a esta reflexão.

Com o projecto *Entre Vizinhos* pude entender como é que tal metodologia e filosofia se pode aplicar a projectos com a comunidade. A reestruturação ocorrida em 2016 foi a chave para que este tipo de projectos se inserissem nas linhas estratégicas do Museu e respondessem à missão da Fundação. Contribuindo para que a Fundação cumpra os seus fins artísticos e educativos, o *Entre Vizinhos* vai ao encontro da vontade da directora do Museu em aumentar a diversidade de públicos, nomeadamente o público sénior, respondendo ao seu desejo de ter mais projectos de nicho com idosos que, sobretudo, estejam isolados e que possam encontrar no museu um lugar no qual as obras

de arte os ajudem a falar da sua vida. Este projecto ilustra de forma bastante positiva a concretização desta vontade. Pessoas que nunca se tinham atrevido a entrar na Fundação nem no Museu, por se auto excluírem e que, com este projecto, derrubaram as barreiras existentes e criaram uma relação de proximidade, vizinhança e afectividade com o espaço e com as Colecções. Os ideais do SE MCG tomaram forma neste projecto mediante a criação de um processo activo, de construção conjunta, de partilha, de interpretação e de aprendizagem partilhada, numa relação “Museu – ‘comunidade *Entre Vizinhos*’” baseada no diálogo e na partilha, com uma forte componente humana presente da parte das mediadoras. Foi significativo constatar como as obras de arte com as quais os participantes tiveram contacto revestiram-se de novos significados, moldados pelas suas histórias e memórias.

Com este projecto, compreendi a “experiência museal” a que se referem Falk e Dierkings, e de que forma o seu resultado é uma aprendizagem significativa e efectiva, fruto da intersecção do património cultural, social e emocional de cada indivíduo com o que o museu lhe oferece, através das suas obras, colecções e serviços. “Através da sua abordagem construtivista crítica, o SE MCG tem definido o seu entendimento de público para além da mediação a partir das colecções mas, sobretudo, como um agente activo na produção de discursos e relações que se devem sentir numa presença relevante na acção local. (...) Nesta medida, o SE do Museu tem sido um agente para a dimensão cívica das organizações culturais e procurando reconfigurar a própria instituição face à sua relação com o meio envolvente e com as problemáticas sociais da realidade em que se insere.”⁸⁶

Ao acompanhar a implementação deste projecto, constatei uma falha, a nível interno, na comunicação do mesmo. Esta falha deve-se sobretudo ao facto deste projecto se tratar de uma criação artística promovida pelo SE e não pelo serviço de curadoria, responsável pela programação expositiva do Museu. Segundo Diana Pereira, isto é comum nos projectos comunitários quando promovidos pelos serviços educativos: o seu valor artístico nem sempre é reconhecido ou tido como igual aos projectos de artistas aprovados pelos curadores. Por se tratar de uma iniciativa que escapa ao funcionamento habitual, as restantes equipas têm dificuldade em enquadrá-la nos formatos habituais de comunicação. Com a junção das duas Colecções, teve de se repensar a comunicação do Museu, pelo que desde então alguns eixos de trabalho do SE, como é caso de projectos como o *Entre Vizinhos*, ainda não têm um plano estratégico de comunicação desenhado

⁸⁶ “Relatório Entre Vizinhos. Serviço Educativo – Fundação Calouste Gulbenkian”, p. 12

em função das suas especificidades e que articule as diferentes equipas de comunicação da Fundação: o Museu, o Descobrir, o serviço de comunicação e o departamento de Marketing. Contudo, segundo Diana Pereira, tem havido capacidade de resposta pontual por parte destas diferentes equipas e o *24 Estórias Entre Vizinhos* foi um dos projectos que recebeu especial atenção nesse sentido, tendo tido um *post* no *site* do Museu durante a permanência da instalação e um artigo na *newsletter* da Fundação, cobertura fotográfica e de vídeo.

O acompanhamento e participação na implementação deste projecto possibilitou-me, ainda, ter conhecimento de uma área – arte na comunidade e projectos participativos - que não abordei na componente lectiva do Mestrado e que me suscitou vontade de mais.

Por fim, como maior aprendizagem adquirida neste estágio e como ferramenta a utilizar no meu futuro profissional, destaco o processo de interpretação que está presente em quase todas as actividades deste Serviço Educativo. Um processo aberto e activo, no qual os visitantes criam o seu próprio sentido para as obras, permitindo-lhes ampliar e reestruturar o seu esquema conceptual e mental. Fascinou-me a voz que qualquer visitante recebe ao entrar no espaço expositivo do Museu, no sentido de validação do seu pensamento e ideias, independentemente da obra abordada e da sua época, e como a sua visão pode servir de ponto de partida para o desenrolar de uma visita. O valor que é facultado à sua história de vida enquanto elemento para a interpretação individual da obra. Com o tempo passado no Museu Gulbenkian e, sobretudo mediante a observação do trabalho nele realizado, passei a encarar uma ida ao Museu como um momento no qual a liberdade actua mediante a interpretação e como este se pode assumir como um espaço de partilha, de integração e de inclusão.

BIBLIOGRAFIA

- BARRIGA, Sara; SILVA, Susana Gomes da (coord.), (2007), *Serviços Educativos na Cultura*, Coleção Públicos nº2, Setepés, Porto;
- DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François. *Conceitos-chave de Museologia*. ICOM, 2013;
- Entrevista a Penelope Curtis *Penelope Curtis quer “crianças, idosos e imigrantes desfavorecidos” no Museu Gulbenkian* disponível online em: < <https://observador.pt/2017/12/07/penelope-curtis-quer-criancas-idosos-e-imigrantes-desfavorecidos-no-museu-gulbenkian/> >
- Entrevista a Penelope Curtis disponível online em: < artecapital.net/entrevista-219-penelope-curtis >;
- FALK, John H., DIERKING, Lynn D., (1992) *The Museum Experience*, Whalesback Books, Washington, D.C;
- FERNÁNDEZ, Luis Alonso. *Introducción a la nueva Museologia*. Madrid: Alianza Editorial, S.A;
- FERNÁNDEZ, Luis Alonso. *Museologia y Museografía*. Barcelona: Ediciones del Serbal, 1999;
- LAPA, Sofia. *40 anos em Exposição Permanente no Museu Calouste Gulbenkian. Contributos para uma Crítica do Objecto Museológico*. Tese de Doutoramento. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. 2015;
- Lei-quadro do Museus Portugueses – Lei nº 47/2004;
- PEREIRA, João Castel-Branco. *Museu Calouste Gulbenkian*. QuidNovi. 2011;
- SILVA, Susana Gomes da, (2005), “Para além do olhar: a construção e negociação de significados a partir da educação museal”, *Miradas al patrimonio*, Ediciones Trea, S.L;
- SILVA, Susana Gomes da, (2005), “Projecto olhar, ver, interpretar – o cruzamento de olhares”, *Miradas al patrimonio*, Ediciones Trea, S.L;
- SILVA, Susana Gomes da, (2011) “Territórios educativos: paradigmas, estigmas e outras pedras no sapato”;

- SHUBERT, Karsten. *The Curator's Egg: the evolution of the museum concept from the French Revolution to the present day*. Londres: Ridinghouse, 2009;
- RECHENA, Aida. “O que significa hoje a função social dos museus?” in Boletim ICOM. Série III, Set. 2016. N°7;
- Relatório Gulbenkian 2018 Em Destaque, p. 29. Disponível *online* no website da Fundação Calouste Gulbenkian;
- Artigo “Construtivismo crítico: um novo olhar sobre o espaço pós-soviético e a crise na Ucrânia”, disponível *online* em < <https://journals.openedition.org/eces/1601> >

Websites consultados:

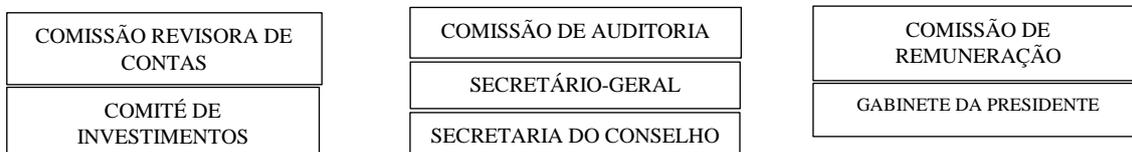
Fundação Calouste Gulbenkian - <https://gulbenkian.pt/>

ICOM - <http://icom-portugal.org/>

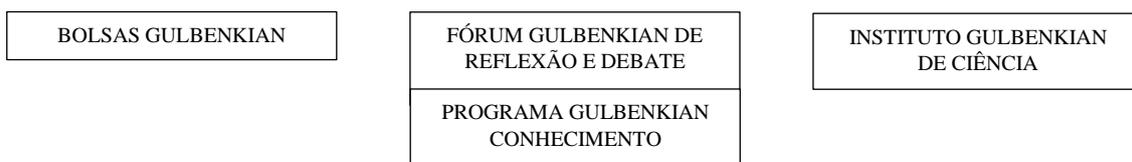
ANEXOS

Anexo 1. Organograma Fundação Calouste Gulbenkian

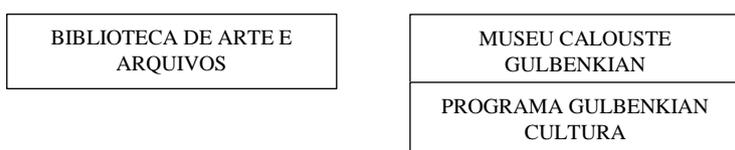
CENTRO DE ADMINISTRAÇÃO



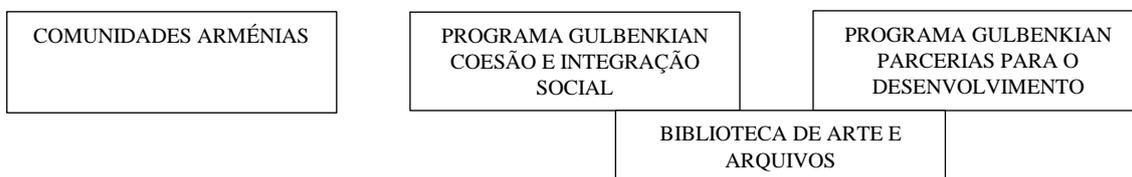
ACTIVIDADES CIENTÍFICAS E DE CONHECIMENTO



ACTIVIDADES ARTÍSTICAS E CULTURAIS



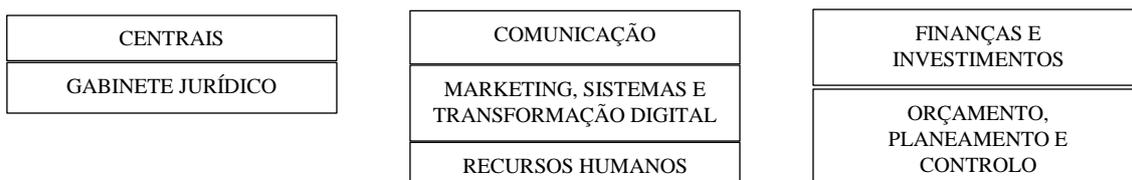
ACTIVIDADES DE DESENVOLVIMENTO SOCIAL E SUSTENTABILIDADE



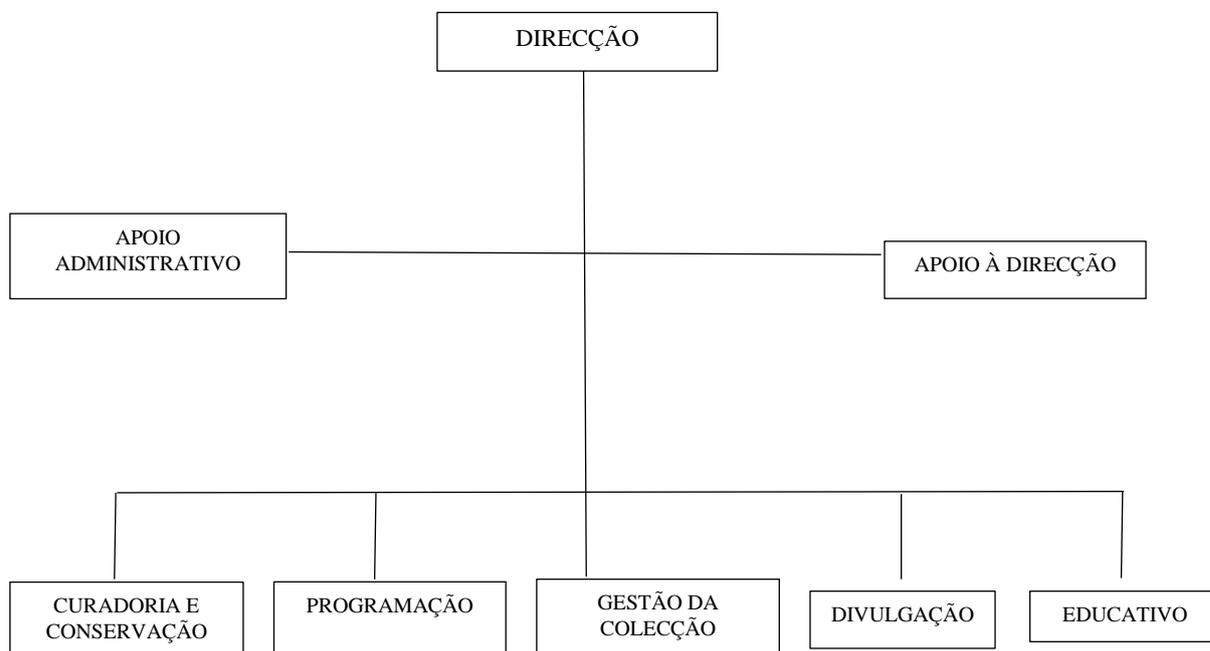
DELEGAÇÕES



GESTÃO



Anexo 2. Organograma do Museu Calouste Gulbenkian



Anexo 3. Cronograma do projecto *Entre Vizinhos*

ENTRE VIZINHOS																																			
CRONOGRAMA DE TRABALHOS																																			
2016			2017			2018			2019																										
O	N	D	J	F	M	A	M	J	J	A	S	O	N	D	J	F	M	A	M	J	J	A	S	O	N	D									
I Temporada						II Temporada						III Temporada																							
Fase Piloto						Fase Exploração						Fase Criação																							
Mediação			Balanço 2013-16 Estabelecer Parceiros			Sessões de Mediação			Apresentação			Balanço Conceção T.III			Sessões de Mediação			Sessões de Criação			Mapeamento			Construção			Balanço Conceção T.III			Sessões de Mediação			Sessões de Criação		
Criação Artística									Criação 24 Estórias Entre Vizinhos Livro de artista + site specific																					Criação Performance					
Programa-ção									Site Specific + Visitas																					Performance					
Novas Parcerias															Junta de Freguesia das Avenidas Novas																		Centro de Dia D.Maria I - SCML		
Avaliação Externa									Entrevistas									Focus Group																	

Anexo 4. 24 Estórias Entre Vizinhos

Data: 22 Novembro 2018 – 8 de Janeiro 2019

Local: Colecção Moderna, espaços da Fundação e das Avenidas Novas

Sinopse: *24 Estórias Entre Vizinhos* é um projecto artístico de Ana João Romana realizado com os participantes do projecto *Entre Vizinhos*, um projecto do Museu Gulbenkian que, desde 2017, promove uma relação de proximidade com a população sénior que frequenta três Centros de Dia da Freguesia das Avenidas Novas. Entre Vizinhos tem como objectivo reforçar laços de vizinhança participativa e criativa assentes na ideia de que a aprendizagem se faz ao longo da vida e de que o museu e suas colecções são espaços de múltiplas vozes e leituras, de encontro, partilha, construção e afirmação identitária. Com este projecto a Fundação inscreve-se na geografia pessoal destes moradores de forma renovada e o trabalho desenvolvido pela Ana João Romana em 2018 leva esta geografia relacional a uma nova dimensão, inscrevendo-o no espaço e tornando-o visível e partilhável. Nestas *24 Estórias Entre Vizinhos* encontramos com as memórias dos participantes que, através de uma instalação de 24 estórias escritas a partir dos depoimentos de cada um, se estendem da Fundação ao bairro, ocupando montras, lojas, janelas, pequenos espaços públicos da vida quotidiana das Avenidas Novas e também o espaço da Fundação e da sua Colecção Moderna. Uma publicação, desenhada e construída a muitas mãos, materializa também este projecto, incluindo as estórias e os retratos dos participantes.

Resumo do projecto artístico

- 1 instalação de 34 vinis em espaços públicos da FCG (12 locais) + 12 espaços das Avenidas Novas
- Publicação – tiragem 50 exemplares
- Intervenção na Colecção Moderna

Ficha técnica

Artista convidada: Ana João Romana | **Fotógrafo:** Eduardo Ribeiro | **Mediação:** Diana Pereira, Joana Andrade | **Participantes:** Almerinda André, António Galvão, António Lima, Diana Pereira, Donzília da Conceição, Fernando Almeida, Fernando Gonçalves, Florinda Gonçalves, Gabriela Rosado, Georgina Barbedo, Joana Andrade, Joaquim Pessoa, Leonor Boavida, Maria Helena Almeida, Maria de Lurdes Carvalho, Maria Dias Duarte, Margarida Nunes, Mónica Cegonho, Octávio Fernandes, Ondina Matos, Palmira, Serge Lanz, Teresa Loureiro, Virgínia Ribeiro | **Orientação:** Susana Gomes da Silva

Instituições parceiras: Associação de Auxílio Social de São Sebastião da Pedreira, Associação para o Desenvolvimento e Apoio Social – Bairro do Rego, Centro de Dia D. Maria I – Santa Casa da Misericórdia de Lisboa

Avaliação externa: Diana West

Programação

À conversa com Ana João Romana e os participantes *Entre Vizinhos*

24 NOV/SÁB/16:00

14 DEZ/SEX/15:00

Local: Coleção Moderna – Museu Calouste Gulbenkian

Mín.: 5

Máx.: 25

Preço: gratuito. Requer levantamento de bilhete.

Anexo 5. Fotografias *24 Estórias Entre Vizinhos*



Duas participantes em visita guiada à exposição *24 Estórias Entre Vizinhos*. Fotog.: Inês Bispo, 2018



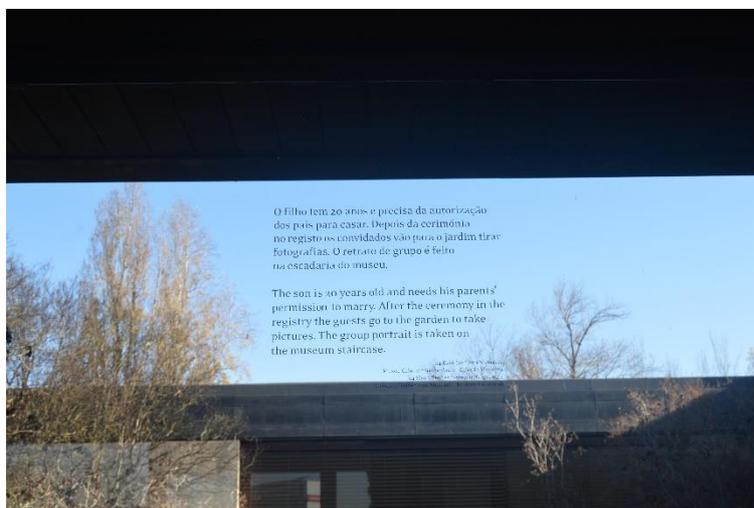
Visita guiada à exposição *24 Estórias Entre Vizinhos* com a mediadora Joana Andrade. Fotog.: Inês Bispo, 2018



Estória instalada na sala de exposições da Coleção Moderna do Museu Calouste Gulbenkian. Fotog.: Inês Bispo, 2018



Estória instalada no edifício sede da Fundação Calouste Gulbenkian. Fotog.: Inês Bispo, 2018



Estória instalada no edifício da Colecção do Fundador do Museu Calouste Gulbenkian. Fotog.: Inês Bispo, 2018



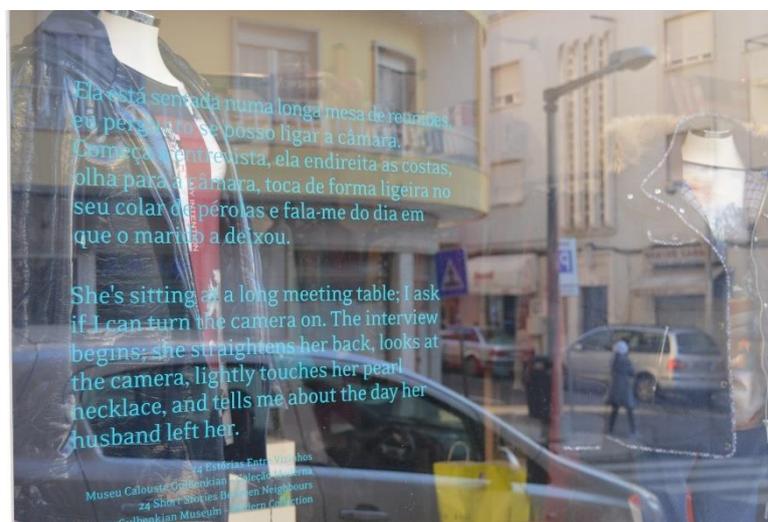
Estória instalada no centro comercial El Corte Inglés. Fotog.: Inês Bispo, 2018



Estória instalada na NOVA-FCSH. Fotog.: Inês Bispo, 2018



Estória instalada na Igreja Nossa Senhora de Fátima. Fotog.: Inês Bispo, 2018



Estória instalada na montra de um pronto-a-vestir no Bairro do Rego. Fotog.: Inês Bispo, 2018

Anexo 6. Sessões da terceira temporada do projecto *Entre Vizinhos*



Sessão na Coleção do Fundador no Museu Calouste Gulbenkian.

Fotog.: Inês Bispo, 2018



Participante e técnica da AASSP em sessão na Coleção do Fundador no Museu Calouste Gulbenkian.

Fotog.: Inês Bispo, 2018

Anexo 7. Fotografias da Oficina da Páscoa



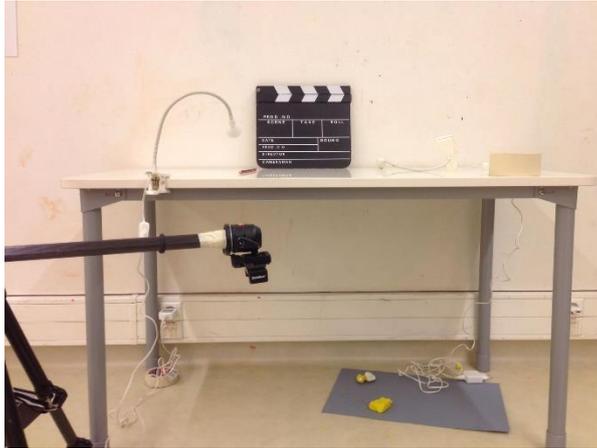
Linha cronológica da vida do Sr. Gulbenkian feita com as crianças. Fotog.: Inês Bispo, 2019



Trabalho plástico. Fotog.: Inês Bispo, 2019



Cenários para o filme feitos pelas crianças. Fotog.: Inês Bispo, 2019



Material para gravação do filme. Fotog.: Inês Bispo, 2019



Exposição final de apresentação aos pais. Fotog.: Inês Bispo, 2019



Convite para a exposição final feito pelas crianças. Fotog.: Inês Bispo, 2019

Anexo 8. Tarefas desenvolvidas para *24 Estórias Entre Vizinhos*

DATA	TAREFA
9 Out 2018	<ul style="list-style-type: none"> - Primeiro contacto com a Associação para o Desenvolvimento e Apoio Social do Bairro do Rego (ADAS-BR); - Juntamente com o grupo de participantes do Centro, fomos aos diversos locais do Bairro escolhidos pelos séniores, apresentar o projecto, convidando cada estabelecimento a participar no projecto disponibilizando o respectivo espaço para instalação do vinil.
10 – 21 Out	<ul style="list-style-type: none"> - Criação de listas com os contactos: das instituições com as quais se colaborou; dos locais pretendidos para a instalação dos vinis; de todos os participantes do projecto; - Criação de lista que possíveis locais para divulgação do projecto; - Personalizar cada carta/convite a enviar a cada local selecionado para instalação do vinil; - Criação de grelha para visitas <i>24 Estórias Entre Vizinhos</i>; - Apoio na preparação para a semana de criação do Livro de Artista, que decorreu na Sala Polivalente (desde contactar participantes e instituições à preparação de diversos materiais e espaço)
22– 29 Out	<ul style="list-style-type: none"> - Semana oficina criação do Livro de Artista – apoio e participação
30 Out	<ul style="list-style-type: none"> - Contabilização das folhas de presenças da Oficina de Criação do Livro de Artista; - Apoio na organização de sessão de mediação para preparação dos participantes que se propuseram a realizar visitas sobre o projecto; - Criação de um álbum fotográfico sobre o projecto.
Nov	<ul style="list-style-type: none"> - Criação folha de apoio à venda para <i>24 Estórias Entre Vizinhos</i>; - Contactar os vários locais selecionados para a colagem do vinil, avisando-os dos dias e horários nos quais a artista iria proceder à colagem; - Assistência à artista Ana João Romana na instalação das estórias nos vários locais do Bairro.
Dez	<ul style="list-style-type: none"> - Apoio a diversas tarefas e visitas.
Janeiro	<ul style="list-style-type: none"> - Cartas a enviar às Instituições para as quais será enviado um exemplar do Livro de Artista;

2019	<ul style="list-style-type: none">- Calendarização de futuras actividades;- Preparação logística para <i>Focus Group</i>.
Fevereiro a Abril 2019	<ul style="list-style-type: none">- Elaboração das cartas a enviar aos locais no estrangeiro juntamente com o Livro de Artista;- Preparação da terceira temporada.

Anexo 9. Outras tarefas

- Apoio no *Dia U-Dia das Universidades*, na preparação logística e durante o evento;
- Produção do curso *Professor e Artista: «práticas colaborativas em sala de aula»*;
- Apoio na gestão de grupos em visita ao Museu;
- Limpeza e manutenção dos áudio-guias para visitas ao Museu;
- Organização de *powerpoints* para palestras/conferências da programação do Museu;
- Apoio em tarefas e questões logísticas para as quais me solicitavam no dia-a-dia.